

LIZANDRA DE SOUZA SANTOS ALVES

INVISIBILIDADE LÉSBICA EM TESAUROS BRASILEIROS:
proposta de acolhimento equitativo de relações lesboafetivas

MARÍLIA - SP
2025

LIZANDRA DE SOUZA SANTOS ALVES

INVISIBILIDADE LÉSBICA EM TESAUROS BRASILEIROS:
proposta de acolhimento equitativo de relações lesboafetivas

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação como parte das exigências para a obtenção do título de Mestre em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília.

Área de Concentração:
Informação, Tecnologia e Conhecimento.

Linha de Pesquisa: Produção e Organização da Informação.

Orientadora: Profa. Dra. Paula Regina Dal'Evedove.

Apoio Financeiro: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

MARÍLIA - SP
2025

A474i

Alves, Lizandra de Souza Santos

INVISIBILIDADE LÉSBICA EM TESAUROS BRASILEIROS:

: proposta de acolhimento equitativo de relações lesboafetivas.

/ Lizandra de Souza Santos Alves. -- Marília, 2025

96 p. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília

Orientadora: Profa. Dra. Paula Regina Dal'Evedove.

1. Representação do conhecimento. 2. Tesauros. 3.
Lesbianidade. 4. Ética. 5. Equidade. I. Título.

IMPACTO EM SIMETRIA COM OS ODS

A presente pesquisa possui, em seu desenvolvimento, relações com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5 e 10. No que diz respeito aos ODS, apresenta-se, primeiramente, o Objetivo de número 5, correspondente a “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”, e, especificamente, ao item 5.1: “Acabar com todas as formas de discriminação contra todas as mulheres e meninas em toda parte”, pois evidencia, para a sociedade, sua importância no âmbito sociocultural, ao trazer perspectivas relacionadas a gênero e sexualidade, principalmente voltadas ao gênero feminino/transfeminino e à sexualidade lésbica, de forma respeitosa, nos instrumentos de controle de vocabulário. No aspecto científico, a pesquisa foca em contribuições teóricas para a área de Ciência da Informação e em preocupações com a prática profissional da Organização e Representação da Informação, com ética perante as comunidades marginalizadas. Isso faz com que a pesquisa se direcione também ao Objetivo 10, “Redução das desigualdades”, com enfoque no item 10.2, que diz: “Até 2030, empoderar e promover a inclusão social, econômica e política de todos, independentemente da idade, gênero, deficiência, raça, etnia, origem, religião, condição econômica ou outra”. Para além das menções específicas a dois objetivos, cabe ressaltar o direcionamento da presente pesquisa ao Objetivo 16, cujas metas versam sobre a promoção da paz na sociedade e o desenvolvimento sustentável em seus ambientes de convívio, justiça para todos que dela necessitarem e valorização dos direitos humanos, bem como o fortalecimento de instituições eficazes na promoção da inclusão de todos, em todos os níveis; como a criação de leis e políticas não discriminatórias.

IMPACT IN SYMMETRY WITH THE ODS

This research, in its development, is aligned with Sustainable Development Goals (SDGs) 5 and 10. Regarding the SDGs, Goal 5 is presented first, which aims to “Achieve gender equality and empower all women and girls,” specifically addressing Target 5.1: “End all forms of discrimination against all women and girls everywhere.” This goal is relevant to society as it highlights the importance of gender and sexuality issues in the sociocultural sphere, particularly focusing on the feminine/transfeminine gender and lesbian sexuality, respectfully represented within vocabulary control instruments. From a scientific perspective, the research contributes theoretically to the field of Information Science and raises concerns about professional practices in the Organization and Representation of Information, emphasizing ethical engagement with marginalized communities. This leads the research to also align with Goal 10, “Reduced inequalities,” especially Target 10.2: “By 2030, empower and promote the social, economic and political inclusion of all, irrespective of age, sex, disability, race, ethnicity, origin, religion or economic or other status.” Beyond the specific mention of these two goals, it is also important to highlight the research’s alignment with Goal 16, whose targets address the promotion of peace within society and sustainable development within social environments, ensuring justice for all who need it and upholding human rights. Furthermore, it supports the strengthening of effective institutions that promote inclusion at all levels, including through the implementation of non-discriminatory laws and policies.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer primeiramente à minha família e amigos que estiveram junto comigo em todo o processo árduo de leitura e escrita. Por todo o cuidado em momentos que eu pensei que não daria certo e para os momentos que realmente algum processo não saiu como o devido, vocês estiveram comigo enxugando as lágrimas, me dando de comer ou me fazendo sorrir.

Deixo um agradecimento particular para a minha ex companheira, visto que mesmo com o distanciamento foi uma grande companheira em muitos momentos.

Agradeço a todos os professores e a secretaria do PGGCI-UNESP, e ao conselho da pós-graduação em Ciência da Informação da UNESP de Marília pela paciência com o meu caso.

Pegando o ensejo, agradeço imensamente à minha orientadora Profa. Dra. Paula Regina Dal'Evedove pela paciência e constância em não me deixar desistir!! Agradeço à minha banca examinadora que me proporcionou detalhes importantes para a pesquisa e foram muito compreensivas, obrigado Profa. Dra. Deise Maria Antonio Sabbag e Profa. Dra. Brígida Maria Nogueira Cervantes por não desistirem e se dedicarem para a minha banca.

Não posso deixar de agradecer à Prof. Dr. Mariângela Spotti Lopes Fujita, você um anjo na minha vida, quando eu penso que é o fim vem a sua voz falando para eu não desistir, para eu tentar seguir mesmo que seja o que meu inconsciente queira.

A Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, visto que, "O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. "This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001".

LIZANDRA DE SOUZA SANTOS ALVES

INVISIBILIDADE LÉSBICA EM TESAUROS BRASILEIROS:
proposta de acolhimento equitativo de relações lesboafetivas

Dissertação de mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em
Ciência da Informação como parte das exigências para a obtenção do título
de Mestre em Ciência da Informação pela Faculdade de Filosofia e
Ciências, Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Marília.

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Paula Regina Dal'Evedove
PPGCI – UNESP, Campus de Marília
Orientadora

Profa. Dra. Deise Maria Antonio Sabbag
PPGCI – UNESP, Campus de Marília
Membro Suplente Interno

Profa. Dra. Brígida Maria Nogueira Cervantes
PPGCI - UEL
Membro Titular Externo

Marília, 30 de maio de 2025.

RESUMO

Tesaurus são instrumentos que refletem aspectos conceituais, culturais e sociais de um domínio, construídos por profissionais cujas ideologias influenciam suas escolhas. Nesta perspectiva, surge a preocupação com o uso de termos discriminatórios na representação de mulheres que mantêm relações afetivas entre si, questiona-se como as relações homoafetivas entre mulheres estão representadas em tesaurus brasileiros? Frente ao exposto, objetiva-se analisar a representação das relações homoafetivas entre mulheres nos tesaurus brasileiros, com foco na identificação de lacunas terminológicas e na proposição de atualizações que promovam uma representação mais ética, justa e inclusiva. O estudo dialoga com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) 5, 10 e 16, ao propor uma abordagem informacional que promova a igualdade de gênero, a redução das desigualdades e o fortalecimento de instituições inclusivas. Com base em uma abordagem qualitativa, de natureza aplicada e com tipologia exploratório-descritiva, a pesquisa foi desenvolvida em duas etapas principais: a primeira consistiu no levantamento de termos utilizados por comunidades lésbicas, a partir de cartilhas governamentais, produções científicas e outras fontes especializadas; a segunda concentrou-se na análise da presença, ausência e forma de representação desses termos em quatro tesaurus brasileiros: o Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero, o Tesouro DeCS (Descritores em Ciências da Saúde), o Tesouro UNESP e o Thesaurus do Senado Federal. Como procedimentos metodológicos, foram utilizados a análise de domínio e o método comparativo por indução, considerando uma amostra de 45 termos. Os resultados revelam a predominância do termo “lesbianismo”, considerado obsoleto e patologizante, em detrimento de termos mais atuais e respeitosos como “lesbianidade”, “relações lesboafetivas” e “visibilidade lésbica”. Além disso, observou-se a ausência de gírias e expressões populares significativas para a comunidade lésbica, bem como a limitada presença de termos que abordem questões de violência, cultura e identidade lésbica. Conclui-se que a atualização desses instrumentos é essencial para assegurar a representatividade das mulheres lésbicas e fortalecer o compromisso ético dos profissionais da informação com a diversidade e a justiça social. A pesquisa contribui, assim, de forma teórica e prática, com os estudos sobre organização do conhecimento inclusiva.

Palavras-chave: Representação do conhecimento. Tesaurus. Lesbianidade. Ética. Equidade.

ABSTRACT

Thesauri are instruments that reflect the conceptual, cultural, and social aspects of a domain, constructed by professionals whose ideologies influence their choices. From this perspective, concerns arise regarding the use of discriminatory terms in the representation of women who maintain affective relationships with one another. This leads to the central question: how are same-sex relationships between women represented in Brazilian thesauri? In light of this, the study aims to analyze the representation of same-sex relationships between women in Brazilian thesauri, focusing on identifying terminological gaps and proposing updates that promote a more ethical, fair, and inclusive representation. The research aligns with Sustainable Development Goals (SDGs) 5, 10, and 16 by proposing an informational approach that promotes gender equality, the reduction of inequalities, and the strengthening of inclusive institutions. Based on a qualitative, applied, and exploratory-descriptive methodology, the research was carried out in two main stages: the first involved collecting terms used by lesbian communities, based on government guidelines, scientific publications, and other specialized sources; the second focused on analyzing the presence, absence, and form of representation of these terms in four Brazilian thesauri: the Thesaurus on Sexual Orientation and Gender Identity, the DeCS (Health Sciences Descriptors), the UNESP Thesaurus, and the Federal Senate Thesaurus. Domain analysis and inductive comparative methods were used, considering a sample of 45 terms. The results reveal the predominance of the term “lesbianism,” which is considered outdated and pathologizing, to the detriment of more current and respectful terms such as “lesbianity,” “lesboffective relationships,” and “lesbian visibility.” Additionally, there was a noticeable absence of slang and popular expressions meaningful to the lesbian community, as well as a limited presence of terms addressing issues of violence, culture, and lesbian identity. The study concludes that updating these instruments is essential to ensure the representativeness of lesbian women and to strengthen the ethical commitment of information professionals to diversity and social justice. Thus, the research contributes both theoretically and practically to the field of inclusive knowledge organization studies.

Keywords: Knowledge representation. Thesauri. Lesbianity. Ethics. Equity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Significado de cada letra da sigla LGBTQIAPN+	30
Figura 2 - Procedimentos metodológicos e as ligações aos objetivos específicos....	60
Figura 3 - Interface do Tesauro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero....	64
Figura 4 - Interface do Tesauro DeCS.....	65
Figura 5 - Interface do Tesauro UNESP.....	66
Figura 6 - Interface do WebThes para a procura dos termos.....	68
Figura 7- Interface do “The Homsaurus”	86
Figura 8 - Exemplo de visualização do termo lésbica via TreeView Homosaurus.....	87
Figura 9 - Exemplo guia de linguagem do CoE LGBTQ+ BHE.....	89
Figura 10 - Iniciativas <i>queer internacionais</i>	90

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Termos extraídos do site Lesbocine e seus conceitos.....	69
Quadro 2: Termos extraídos do Relatório da agenda de enfrentamento à lesbofobia e ao lesbo-ódio.....	71
Quadro 3: Termos extraídos do referencial teórico da pesquisa.....	72
Quadro 4: Ausência <i>versus</i> Presença de termos preconceituosos.....	73
sobre mulheres lésbicas em tesouros brasileiros.....	79
Quadro 5 : Termos/ Categorias terminológicas.....	80

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANSI/NISO - American National Standards Institute / National Information Standards Organization

BIREME – Biblioteca Regional de Medicina

BRAPCI – Base de Dados em Ciência da Informação

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CID – Classificação Internacional de Doenças

CoE LGBTQ+ BHE - Center of Excellence in LGBTQ+ Behavioral Health Equity

DeCS – Descritores em Ciência da Saúde

DTA - Digital Transgender Archive

GALF - Grupo de Ação Lésbico-Feminista

GLBT – Gays, Lésbicas, Bissexuais e Transgêneros

GLS – Gays, Lésbicas e Simpatizantes

LCSH – Library of Congress Subject Headings

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transgêneros

LGBTI – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Intersexuais

LGBTQIA+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais e mais

LGBTQIAPN+ – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Pessoas Não Binárias e outras identidades

MeSH – Medical Subject Headings

NLM – National Library of Medicine

ODS – Objetivos de Desenvolvimento Sustentável

OMS – Organização Mundial da Saúde

PPGCI – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação

TEG- Tesouro para Estudos de Gênero

TBN – Terminologia da Biblioteca Nacional

TSF – Tesouro do Senado Federal

UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
1.1 Problema de pesquisa.....	18
1.2 Objetivos	21
1.3 Justificativas	22
1.4 Estrutura da pesquisa	25
2. MULHERES LÉSBICAS E SUAS RELAÇÕES LESBOAFETIVAS: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E CONCEITUAIS	26
2.1 Lesbianidade	32
3. TESAuros COMO INSTRUMENTOS DE REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO	39
3.1 Tesauros e suas relações conceituais	43
4. RESPONSABILIDADES COM A ÉTICA E A EQUIDADE NA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO	49
5. METODOLOGIA DA PESQUISA	58
5.1 Procedimentos metodológicos	60
5.2 Universo de pesquisa	63
5.3 Seleção de termos lésbicos	68
6. RESULTADOS E DISCUSSÕES	73
6.1 Existência e ausência dos termos	73
6.2 Discussões e proposta para atualização de tesauros brasileiros	76
6.3 Exemplo de iniciativas internacionais	83
A) Organização principal: a hierarquia;	85
6.4 Limitações do estudo	90
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	92
REFERÊNCIAS	95

1. INTRODUÇÃO

A Ciência da Informação está intrinsecamente conectada aos diversos aspectos sociais e culturais de uma sociedade, tendo o início de seu desenvolvimento em meados do século XX como uma forma de expressar o conhecimento gerado por indivíduos em diferentes áreas do saber (Capurro, 2003, s. p.). Tendo em vista seu caráter interdisciplinar, cabe enfatizar a sua importante relação com a organização e representação do conhecimento, além da interdisciplinaridade com as ciências cognitivas, a linguística, a terminologia, a ciência da computação e a lógica (Moreira; Fujita; Davanzo; Piovezan, 2015).

Ao que se refere à informação e o conhecimento, sendo conceitos que se diferem dentro da Ciência da Informação, as autoras Brascher e Café (2008, p.3-4) salientam que “Para entender informação, portanto, é necessário englobar aspectos no nível semântico (cognitivo) e pragmático (real), incluindo assim as propriedades relativas tanto ao conteúdo e significado como sua função social”. Dahlberg (1993, p.211), fundamenta que o conhecimento deve ser expresso por unidades de conhecimento e suas relações conceituais, de forma a permitir a construção de sistemas conceituais, como os sistemas de classificação e tesouros, ou seja, como unidade do conhecimento o conceito é formado pela combinação de características de um objeto ou ideia de que serão representados a partir de seus significantes a fim de facilitar a organização e a comunicação.

Existem dois processos de organização: a) os processos de organização da informação onde irá lidar com a descrição física, ou seja, tratará de elementos descritivos que representam os atributos físicos e de conteúdo de um objeto informacional de forma individual; b) já ao que concerne, o conhecimento, temos o processo de organização do conhecimento onde trabalhará com conceitos, tendo em vista a construção de modelos de mundo a partir da construção de instrumentos conceituais que representam um determinado domínio, ou seja, não irá se limitar ao conhecimento advindo de um autor mas sim a partir do processo da análise

de um domínio buscando refletir uma realidade (Brascher; Café, 2008). É importante refletir que tais instrumentos devem não só refletir a realidade, mas o espaço e o tempo que cada conceito perpassa.

Cabe salientar que quando os usuários vão até uma biblioteca ou em um repositório institucional, por exemplo, buscam por diversos tipos de informação, formatos e seguem diferentes caminhos para tentar encontrar o material desejado, além da expectativa de representatividade adequada. Para isso, a organização do conhecimento e a representação do conhecimento que fornecerá subsídios para auxiliar os profissionais da unidade de informação a apresentarem um sistema que “possa atuar como um mediador justo e confiável entre as comunidades de usuários e os itens informacionais presentes no acervo.” (Milani, 2024, p. 75).

A representação do conhecimento é feita a partir de sistemas de organização do conhecimento, sendo sistemas conceituais que representam determinado domínio por meio da sistematização dos conceitos e suas relações semânticas (Brascher; Café, 2008, p. 8). Tendo em vista esses aspectos, a presente pesquisa se delimitou a partir dos termos “organização do conhecimento e representação do conhecimento”. Para Guimarães (2008, p. 84), a área de Organização do Conhecimento apresenta três aspectos principais, sendo eles: **a) Processos:** análise, condensação e representação da informação que será tratada; **b) Produtos:** produtos gerados como os índices e os resumos, produtos que facilitam o acesso aos documentos; e **c) Instrumentos:** são ferramentas da linguagem documentária para a representação temática de forma padronizada das informações contidas nos documentos, como os sistemas de classificação, listas de cabeçalhos de assunto, tesauros, terminologias, ontologias e outras.

De modo complementar, o autor destaca que a Organização do Conhecimento, pode ser compreendida por meio de três eixos: **a) eixo epistemológico:** sendo a construção da própria organização do conhecimento em termos de seus paradigmas e suas bases teóricas e metodológicas; **b) eixo tecnológico:** refere-se à dimensão em relação aos impactos de seus instrumentos; e **c) eixo cultural:** no qual consideram-se

aspectos socioculturais que interferem na socialização do conhecimento registrado (Guimarães, 2015).

Relativo ao eixo cultural ora apresentado, é preciso considerar que tanto o processo quanto as ferramentas e os resultados da representação do conhecimento carregam intencionalidades, pois quem os concebe acaba por imprimir uma perspectiva própria de mundo, marcada por ideologias e posicionamentos políticos. Além disso, representar um conteúdo implica selecionar e delimitar informações, o que envolve necessariamente a adoção de pressupostos e interpretações específicas (Pinho, 2010).

A partir da citação supracitada é possível observar que por mais que as ferramentas utilizadas pela representação do conhecimento sejam construídas para facilitar o acesso à informação, podem conter aspectos pessoais que interferem em suas construções e também na utilização dos mesmos pelos profissionais da informação, assim se dá a importância da criação de instrumentos terminológicos mais estruturados e sem interferências pessoais. Visto isso, atenta-se para o fato de que as formas de organizar o conhecimento podem reforçar preconceitos e desigualdades, além de silenciar culturas. Por isso, os sistemas precisam estar atentos a diferentes culturas, as classificações mais flexíveis e sempre deixar claro de qual ponto de vista partiram, principalmente nos dias de hoje onde a informação se espalha de forma muito mais rápida (Moreira; Sabbag, 2022, p. 42).

Tais instrumentos são nomeados por Sistemas de Organização do Conhecimento, sendo utilizados por profissionais da informação para a comunicação dos sistemas de informação com os usuários. Segundo Brascher e Café (2008, p. 8) os sistemas de organização do conhecimento “são sistemas conceituais que representam determinado domínio por meio da sistematização dos conceitos e das relações semânticas que se estabelecem entre eles.”.

Um exemplo de instrumento que compõe os Sistemas de Organização do Conhecimento e que facilita o processo de indexação é o tesauro. Alves, Tartarotti e Fujita (2022, p. 53) retratam que os descritores inseridos no tesauro são utilizados para descrever e recuperar os recursos

informacionais, sendo unidades terminológicas que realizam o controle de vocabulário para evitar variações terminológicas determinantes de problemas na recuperação da informação, tais como diferentes grafias de um mesmo termo, singular e plural, homonímia, polissemia ou palavras vazias, além de termos não específicos ou muito genéricos.

Cabe destacar que, quando realizados de forma não defensável, os processos de representação da informação podem privilegiar, censurar, omitir ou distorcer conteúdos. Nesse sentido, tais processos devem ser orientados por estruturas e diretrizes que promovam o acesso e a apropriação ética da informação, especialmente no contexto da tomada de decisão ética em bibliotecas (Milani, 2024, p. 76).

Atualmente, compreende-se que os sistemas de organização do conhecimento não são mais considerados instrumentos universalizantes, como já foram no passado, a exemplo dos sistemas de classificação. Tesauros, por sua vez, por serem instrumentos mais especializados, tendem, em certos casos, a não contemplar representações que acompanhem as transformações sociais ao longo do tempo — especialmente no que se refere a mudanças terminológicas associadas a grupos minoritários, como a comunidade LGBTQIAPN+¹. Diante disso, observa-se que na representação do conhecimento, os problemas de tendenciosidade “[...] são encontrados tanto no momento da criação de instrumentos e ferramentas de representação, como por parte de profissionais no momento de sua atuação profissional, seja ao classificar ou indexar” (Pinho, 2010, p. 41).

Nesta perspectiva, Vanin e Sales (2024, p. 14) ressaltam que “[...] a Organização do Conhecimento visa estruturar visões de mundo, reconhecendo o conhecimento como um fenômeno socializado que requer representação por meio de modelos e instrumentos para sua recuperação e socialização”. Nesse sentido, é pertinente que sejam realizados estudos aprofundados sobre a temática, com o objetivo de apoiar pesquisadores e profissionais na busca por estruturas e diretrizes que favoreçam a promoção

¹ Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Panssexual/Pôli, Não-binárias e mais.

do acesso e da apropriação da informação, fundamentadas em decisões éticas no contexto das bibliotecas.

Assim sendo, o tema da presente pesquisa se debruça sobre a representação de relacionamentos sáficos em instrumentos de representação do conhecimento, a partir da análise de descritores de tesauros, com a finalidade de compará-los a termos atualmente utilizados na sociedade por mulheres lésbicas. A escolha do tema ocorreu devido ao interesse da pesquisadora em dar continuidade aos estudos iniciados em seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), no qual investigou o controle de vocabulário em repositórios institucionais. A motivação parte da convicção de que bibliotecas e outros centros de tratamento e disseminação do conhecimento precisam estar atentos aos aspectos de equidade nos vocabulários controlados, especialmente em tesauros brasileiros.

1.1 Problema de pesquisa

A representação do conhecimento constitui o núcleo central das atividades profissionais na área da informação, destacando-se como elemento essencial nos processos de organização e representação do conhecimento produzido, o qual será posteriormente recuperado para fomentar novas produções, sejam elas de natureza científica ou não. O profissional da informação assume a responsabilidade de exercer suas funções com ética e equidade, garantindo aos usuários o acesso aos documentos disponíveis em ambientes físicos ou digitais, bem como à diversidade de temas contemplados por esses espaços informacionais.

Dessa forma, observa-se que a representação do conhecimento não se limita a uma atividade de caráter meramente técnico, mas configura-se também como uma prática intelectual, que exige do profissional uma postura crítica e ética ao organizar e representar os materiais, independentemente de seus formatos. Contudo, não são apenas os profissionais que podem comprometer esse processo: os próprios instrumentos de apoio técnico também podem influenciar negativamente a representação da informação.

Nesta ótica, Pinho (2010, p. 41) relata que “tanto a atividade profissional como os instrumentos utilizados podem estar imbuídos de uma visão parcial sobre determinado tema e, portanto, suscetíveis da presença, em maior ou menor escala, de preconceitos, por exemplo”.

No que tange à produção científica, observa-se baixa produtividade em pesquisas sobre mulheres lésbicas na área de organização e representação do conhecimento, especialmente em relação aos tesouros. A maior parte das pesquisas concentra-se nos homossexuais masculinos ou em questões de gênero focadas na identidade de gênero das mulheres, e não em sua sexualidade.

Elguy e Andrade (2021, p. 2) ressaltam que “[...] as mudanças sociais são constantes e abarcam diferentes esferas da sociedade em diversos grupos, emergindo discussões sobre gênero e sexualidade” e, por isso, realizaram análises em quatro catálogos a fim de verificar como as mulheres lésbicas estavam representadas nesses ambientes informacionais. A partir disso, foram detectados termos inapropriados, como homossexualismo e lesbianismo, mesmo diante da ascensão dos movimentos relacionados à causa de gênero e sexualidade em pesquisas voltadas à representação temática. Apontam ainda que “por meio da representação temática é possível promover a visibilidade ou invisibilidade de temas que podem afetar diretamente os usuários.” (Elguy; Andrade, 2021, p. 10).

Teixeira, Sousa, Espinosa e Araújo (2022) afirmam que a temática de gênero e sexualidade está em ascensão nos estudos atuais e, por isso, requer atenção dos pesquisadores para que sejam realizados estudos cada vez mais profundos e específicos sobre o tema. A partir disso, apresentam como objetivo geral analisar a representação da homossexualidade no Tesouro DeCS, a fim de compreender as tensões sociais relacionadas à temática nos sistemas de organização do conhecimento. As autoras evidenciam que os instrumentos de controle de vocabulário reproduzem discursos hegemônicos, não são ferramentas neutras e refletem a cultura da sociedade à qual estão relacionados, além de sofrerem interferências de seus criadores. Dessa forma, apontam a necessidade de revisão dos termos

relacionados a gênero e sexualidade no tesauro supracitado, a fim de representar tais comunidades de forma mais ética.

Vital e Pinho (2024) destacam que, na última década, houve um crescimento significativo nos temas relacionados a mulheres e gêneros. Os autores apresentam um estudo baseado na investigação da representação de palavras-chave provenientes de artigos da Revista Estudos Feministas (REF) em relação aos seguintes tesauros: a) Tesauro para Estudos de Gênero (TEG) e b) Tesauro da UNESCO. O estudo revelou a necessidade de atualização contínua dos Sistemas de Organização do Conhecimento (SOC) e a incompatibilidade entre os termos das palavras-chave e os tesauros. Por conta disso, sugerem que os periódicos utilizem sistemas de organização do conhecimento para garantir maior qualidade na representação e recuperação da informação.

Frente ao exposto, esta pesquisa busca contribuir com discussões sobre mulheres lésbicas na Organização do Conhecimento, especialmente em relação aos tesauros, por pertencerem a um grupo minoritário que carrega o fardo do preconceito social. Culturalmente, esse grupo possui uma história marcada por lutas de resistência ao sexismo e ao machismo. Independentemente de estarem inseridas em uma identidade cisgênera ou não, essas mulheres também enfrentam o peso de terminologias historicamente construídas pela sociedade como formas de ofensa — por exemplo, expressões como “maria-macho” ou até mesmo o uso do termo “lesbianismo”, que, no passado, ao incorporar o sufixo “-ismo”, era empregado para sugerir que essas mulheres estavam doentes por sentirem atração por pessoas do mesmo sexo.

Considerando que um vocabulário controlado do tipo tesauro é um instrumento que representa aspectos conceituais e contextuais de determinado domínio, cultura e sociedade, a partir da organização de documentos em diferentes formatos e que, por sua natureza indutiva, é construído por profissionais que trazem consigo suas próprias ideologias. Nesta direção, surge a preocupação com o uso de termos de cunho discriminatório para se referir à parcela social de mulheres que mantêm relações afetivas entre si. Diante disso, questiona-se: **Como as relações**

homoafetivas entre mulheres estão representadas em tesouros brasileiros?

O desenvolvimento desta pesquisa tem como pressupostos básicos a equidade e a justiça social para minorias nos instrumentos de indexação, de forma assertiva, tendo em vista que termos preconceituosos podem ocasionar o afastamento do usuário no uso do sistema de recuperação da informação ao buscar materiais relacionados à temática. Além disso, evidenciam a falta de compromisso ético nas representações que utilizam instrumentos baseados em termos obsoletos, discriminatórios e/ou pejorativos em relação às lésbicas.

Portanto, esta pesquisa propõe apresentar um conjunto de termos que represente, de forma equitativa, as relações homoafetivas entre mulheres. Nessa perspectiva, termos politicamente corretos referem-se a palavras, expressões ou formas de comunicação que não possuem teor ofensivo, sendo adotados para evitar ofensas, discriminação ou exclusão de pessoas ou grupos, especialmente em relação a temas sensíveis como raça, gênero, orientação sexual, deficiência, religião, idade, entre outros.

1.2 Objetivos

O objetivo geral da pesquisa é examinar a representação do conhecimento sobre as relações homoafetivas entre mulheres, conforme refletida nos descritores de tesouros brasileiros, a fim de propor atualização terminológica mediante a adoção de termos mais equitativos e representativos.

Para tanto, os objetivos específicos pretendidos são:

- a) Identificar termos relativos às relações homoafetivas entre mulheres presentes na literatura, em manuais governamentais dedicados à comunidade LGBTQIAPN+ disponíveis na *web* e em *blogs* destinados às mulheres lésbicas;

- b) Mapear termos que perpetuam formas de opressão social contra mulheres lésbicas presentes nas relações conceituais de tesouros brasileiros; e
- c) Sistematizar atualizações terminológicas para que os tesouros analisados se direcionem ao acolhimento equitativo de relações homoafetivas entre mulheres.

1.3 Justificativas

A representação das mulheres lésbicas em tesouros transcende as questões técnicas, envolvendo também dimensões éticas e sociais. Ao incorporar descritores de maneira inclusiva e equitativa, contribui-se para que o ambiente informacional contemple não apenas a ética em sua estrutura, mas também a pluralidade da sociedade, promovendo a visibilidade e o respeito à comunidade de usuários. Dessa forma, busca-se evidenciar um Sistema de Organização do Conhecimento mais democrático.

Para Moreira e Sabbag (2022, p. 37) os aspectos socioculturais presentes na construção e modulações conceituais de um sistema de organização do conhecimento devem ser analisados devido a sua função de recorte de uma realidade que está acentuada em tempo e espaço. Os autores acentuam, ainda, que quando não há inclusão nesses sistemas, “[...] falham de modo contundente em seu propósito fundamental que é a promoção do acesso, da circulação e da produção do conhecimento”, podendo vir a se tornar um instrumento “opressor, tendencioso ou irrelevante; em quaisquer os casos mostrar-se-á inadequado e, portanto, dispensável” (Moreira; Sabbag, 2022, p. 36).

Discussões sobre a comunidade LGBTQIAPN+ são de extrema importância para promover a aproximação entre as comunidades científica e não científica. Não apenas a Ciência da Informação, mas também outras áreas do conhecimento, vêm buscando estudar aspectos dessa comunidade de forma aprofundada, embora ainda existam muitos tabus a serem quebrados. Ao considerar os descritores contidos nos tesouros, utilizados no processo de indexação, possíveis desvios, conscientes ou não, na

representação de um tema específico, como a sexualidade de mulheres que não se enquadram na heteronormatividade, podem impactar significativamente a recuperação dos materiais indexados. Nesse contexto, torna-se essencial abordar as lacunas e imprecisões que podem perpetuar a invisibilidade ou a inadequação na representação de conteúdos voltados para mulheres lésbicas.

Sabe-se que a indexação precisa garantir a representação adequada de um documento por meio de termos amplamente aceitos. Contudo, é necessário compreender a fluidez da língua, que passa por diversos processos de adaptação e evolução, nos quais determinados termos, em certos contextos, podem contradizer seu significado original, afetando assim sua compreensão social. Um exemplo disso é o conceito de homossexualidade ou homossexualismo, como era chamado em décadas passadas, que passou por várias representações ao longo do tempo, sendo considerado "desvio sexual" em 1948, "transtorno sexual" em 1965 e, a partir de 1975, passou a ser socialmente e medicamente reconhecido como orientação sexual (Barros, 2022, p. 55).

Levando em conta essa observação, o presente estudo fundamenta-se em justificativas de ordem sociocultural, pessoal, tecnológico e científico, considerando que, mesmo nos dias de hoje, questões sociais e éticas ainda podem impactar os Sistemas de Organização do Conhecimento. Abordar o tema da ética e da equidade nos leva a refletir sobre como comunidades marginalizadas estão representadas em instrumentos que precisam acompanhar a evolução da sociedade, considerando espaço e tempo. Tendo em vista os aspectos sociais e culturais, a presente pesquisa se debruçará sobre questões lesboafetivas, uma parcela da sociedade que já sofre discriminação por serem mulheres cisgêneras ou transgêneras, cuja sexualidade é considerada divergente do que é entendido como "natural".

Nessa perspectiva, Sistemas de Organização do Conhecimento, como os tesauros, precisam estar alinhados às atualizações das terminologias empregadas para designar lésbicas, a fim de evitar desvios preconceituosos na representação. A ausência ou inadequação de termos relacionados a essa comunidade reflete não apenas uma falha técnica, mas

também um apagamento simbólico que compromete a democratização do acesso à informação.

Como questão pessoal, a pesquisa aborda aspectos importantes para a autora, que já se deparou com termos preconceituosos em catálogos e em diferentes Sistemas de Organização do Conhecimento, sentindo-se desconfortável com tais termos. Cabe ressaltar também a relevância de incluir termos que contemplem toda a comunidade LGBTQIAPN+, e não apenas as mulheres lésbicas. Além disso, essa questão pode prejudicar a comunicação do usuário com o sistema de informação durante a recuperação dos documentos.

Por esse motivo, torna-se essencial analisar os tesouros a partir de seu contexto social, considerando que a linguagem adotada em determinado ambiente informacional pode marginalizar ou excluir grupos específicos (Olson, 2002). Essa reflexão destaca a importância, no âmbito tecnológico, de que ferramentas como os tesouros digitais se adaptem ao contexto contemporâneo. Em ambientes virtuais voltados à recuperação da informação, é fundamental adotar uma abordagem crítica e atualizada na estrutura terminológica, tendo em vista que essas ferramentas são amplamente acessíveis a usuários da web.

No tocante à produção científica e à contribuição para a Ciência da Informação, o estudo vigente será um importante aporte ao arcabouço teórico da área, além de oferecer auxílio para a parte técnica e prática da representação do conhecimento. Isso porque, com os levantamentos teóricos, somados à investigação dos descritores e suas relações, serão fornecidos subsídios para a atualização desses instrumentos, culminando em um controle de vocabulário mais equitativo.

Dessa forma, observa-se a importância da atualização dos Sistemas de Organização do Conhecimento, como os tesouros, bem como a realização de estudos cada vez mais aprofundados que auxiliem, de forma teórica e prática, os profissionais da informação na representação temática adequada dos domínios de gênero e sexualidade. Assim, bibliotecas e outros ambientes informacionais, sejam físicos ou digitais, poderão oferecer representações mais equitativas e inclusivas.

1.4 Estrutura da pesquisa

Além da Introdução, esta dissertação contempla outras sete seções principais. Na seção 2, são apresentados trabalhos que retratam uma breve revisão histórica e teórica sobre a lesbianidade, contextualizando as lutas, apagamentos e conquistas das mulheres lésbicas. Discute conceitos como identidade de gênero, orientação sexual e expressão de gênero.

Na seção 3, são apresentados fundamentos teóricos sobre tesouros e sistemas de organização do conhecimento, destacando que esses instrumentos são construções sociais permeadas por valores, ideologias e contextos históricos. Enquanto na seção 4, são abordados trabalhos que retratam como a organização do conhecimento precisa estar alinhada com princípios de justiça social, ética, diversidade e representatividade, evitando a perpetuação de estigmas, apagamentos e desigualdades.

Por conseguinte, na seção 5 apresenta-se a metodologia adotada, os procedimentos metodológicos e o universo de pesquisa selecionado para análise. Já na seção 6, são apresentados os resultados e discussões obtidos a partir da coleta e análise de dados, decorrentes da implementação dos procedimentos metodológicos adotados.

Por fim, na seção 7, são apresentadas as considerações finais, encerrando a dissertação.

2. MULHERES LÉSBICAS E SUAS RELAÇÕES LESBOAFETIVAS: PERSPECTIVAS HISTÓRICAS E CONCEITUAIS

Nesta seção, apresenta-se, em primeiro momento, uma breve contextualização sobre os termos que representam o movimento LGBTQIAPN+, bem como a especificidade de cada letra. Tal ação tem a finalidade de trazer um breve arcabouço teórico e proporcionar maior compreensão ao leitor. Na sequência, discorre-se sobre a homossexualidade feminina de maneira mais específica, resgatando, de forma breve, questões históricas referentes às lutas das mulheres lésbicas.

O preconceito é uma doença da humanidade ainda presente na atualidade. Na concepção do antropólogo Munanga (2010, p. 52), “não existem leis capazes de destruir os preconceitos que existem em nossas cabeças e provenientes dos sistemas culturais de todas as sociedades humanas”. Munanga (2010, p. 48) aponta que “devemos condenar todas as formas de intolerância, mas o que devemos buscar, afinal, não é a tolerância, mas sim a convivência igualitária das culturas, identidades, dos grupos e sociedades humanas”. O autor ainda reflete que a educação é um caminho essencial para alcançar esse objetivo, porém afirma que a melhor educação não é baseada em uma sociedade construída na lei do darwinismo social, mas sim em uma educação que afirme a importância de valores solidários e de respeito às diversidades.

Num mundo globalizado, em que as tendências homogeneizantes impulsionadas pela economia do mercado, pelo capital transnacional, pela tecnologia e pela comunicação arrastam muitas sociedades, ao mesmo tempo em que marginalizam aquelas que não se ajustam a elas, crescem paradoxalmente, quase na contramão, reivindicações identitárias daqueles que querem se definir ou serem definidos pela etnia, raça, religião, sexo, gênero, idade etc. Por trás dessas reivindicações estaria a intenção de destruir uma representação da sociedade e da história que coloca acima de tudo a ideia de uma sociedade racional animada por seres pensantes e livres de uma diversidade cultural vinculada à persistência das tradições, crenças e formas de organização locais e particulares (Munanga, 2008-2010, p. 39).

As minorias, tanto por sua sexualidade quanto por seu gênero, sofrem com preconceitos e marginalização desde os primórdios da humanidade, mas nem por isso deixaram de lutar por seus direitos ao longo da história, em busca de reconhecimento e entendimento de seu espaço na sociedade. No que diz

respeito à comunidade LGBTQIAPN+, a luta perdura até os dias atuais pelo pertencimento e pela ocupação de seus espaços na sociedade.

Toda essa luta foi construída com base em movimentos sociais e culturais, conduzidos com afincos por essa comunidade, a fim de promover compreensões sobre si próprios e sobre sua inserção social. Pinho (2010) afirma que a homossexualidade sempre foi tratada pela sociedade de forma periférica e, por vezes, associada a ideais imorais, reforçando a visão excludente que se tem sobre essa comunidade discursiva ou subcultural.

Infelizmente, ainda não foi possível alcançar uma sociedade onde todas as pessoas sejam respeitadas de verdade em suas diferenças, sem serem discriminadas por sua raça, por quanto dinheiro possuam, pela sua idade, por seu gênero ou por quem amam e/ou se relacionam. [...] Apesar de alguns avanços nos últimos anos, muita discriminação e violência contra pessoas LGBTQIA+ ainda ocorrem em todo o país. Os casos frequentes de violência física que são registrados em todas as partes do Brasil, e que podem até chegar em assassinatos, são apenas uma parte do problema. Essas pessoas sofrem preconceito e têm seus direitos negados não só na rua e nos espaços públicos, mas também no trabalho, na escola, na mídia e, às vezes, até mesmo em casa (Cartilha de Direitos da Comunidade LGBTQIAPN+, 2024, p. 18).

Antes do surgimento de qualquer sigla, tanto em nível mundial quanto no Brasil, utilizava-se a palavra *queer*, um termo originado na língua inglesa que significa “esquisito” ou “estranho”. Para Butler (2022, p. 447), trata-se de um termo que existe desde o século XVI e que, desde o século XIX, passou a se referir “a uma existência ou um comportamento social que não se encaixa nos padrões de normalidade”, sendo *queer* usado de forma pejorativa para se referir a homens homossexuais.

Atualmente, contudo, *queer* é designado para pessoas que não se enquadram dentro do padrão heteronormativo, sendo utilizado como um termo guarda-chuva. A sociedade construiu, ao longo da história, um movimento de binaridade entre os indivíduos, estabelecendo categorias fixas como “feminino” e “masculino”. Todos aqueles que não se encaixam nessas “caixas” são frequentemente vistos com estranhamento e preconceito.

Sobre isso, Peres e Souza (2020, p. 237) afirmam que “todo um conjunto de inteligibilidade se faz preciso para determinar padrões de

corporalidades, figurações e discursos reconhecidos como verdadeiros e absolutos. Do contrário, nega-se o reconhecimento da legitimidade enquanto marca do humano.” É como se as identidades de gênero e sexuais fossem representações do ser humano que precisam seguir um molde previamente estabelecido, mas onde fica o próprio *Eu*? Como ele se constrói? “Há toda uma complexa combinação de sentidos, de representações, de atribuições que efetivamente vão constituir aquilo que chamamos sexualidade” (Louro, 1997, p. 35).

A linguagem, seja ela verbal ou não verbal, possibilita a comunicação entre pessoas e grupos, sendo composta por palavras que exercem a função de representar “vivências sociais e coletivas de pessoas com razão, sentimentos, inteligência e valores, o que nos leva à necessidade de respeitar a realidade do outro, inclusive no que diz respeito às suas linguagens” (Cadernos LGBTQIA+ Cidadania, 2024, p. 8).

Considerando especificamente a forma como a população LGBTQIAPN+ se comunica, é possível analisar a evolução da sigla, marcada por mudanças significativas a partir da despatologização da homossexualidade. A retirada do termo “homossexualismo” da Classificação Internacional de Doenças (CID) representa uma:

[...] expressiva conquista, resultado de décadas de lutas e reivindicações, ocorreu no contexto da epidemia de aids, momento ao qual os discursos sociais estavam voltados, mais do que nunca, à condenação da homossexualidade, pela relação traçada entre o vírus e a prática sexual entre homens. Do ponto de vista social e histórico, a despatologização da homossexualidade, no momento de profundo obscurantismo com relação ao tema, representa não apenas a potência revolucionária dos movimentos sociais de reivindicações de direitos, mas também o poder de instituições políticas e científicas em transformar narrativas e moldar a opinião pública (Teixeira; Sousa; Espinosa; Araújo, 2022, p. 2).

Em 1948, a homossexualidade foi incluída na Classificação Internacional de Doenças (CID) como uma patologia (Coelho, 2020). Depois de muitos estudos científicos e de intensa luta, especialmente a partir da década de 1970, a comunidade científica passou a alterar sua percepção sobre o tratamento da homossexualidade como doença. Em 17 de maio de 1990, a Organização Mundial da Saúde (OMS) retirou definitivamente o termo “homossexualismo” da CID. Dessa forma, “fala-se em

homossexualidade, heterossexualidade, bissexualidade e outras, devendo-se evitar o sufixo 'ismo', que remete à doença ou anormalidade" (Cadernos LGBTQIA+ Cidadania, 2024, p. 13).

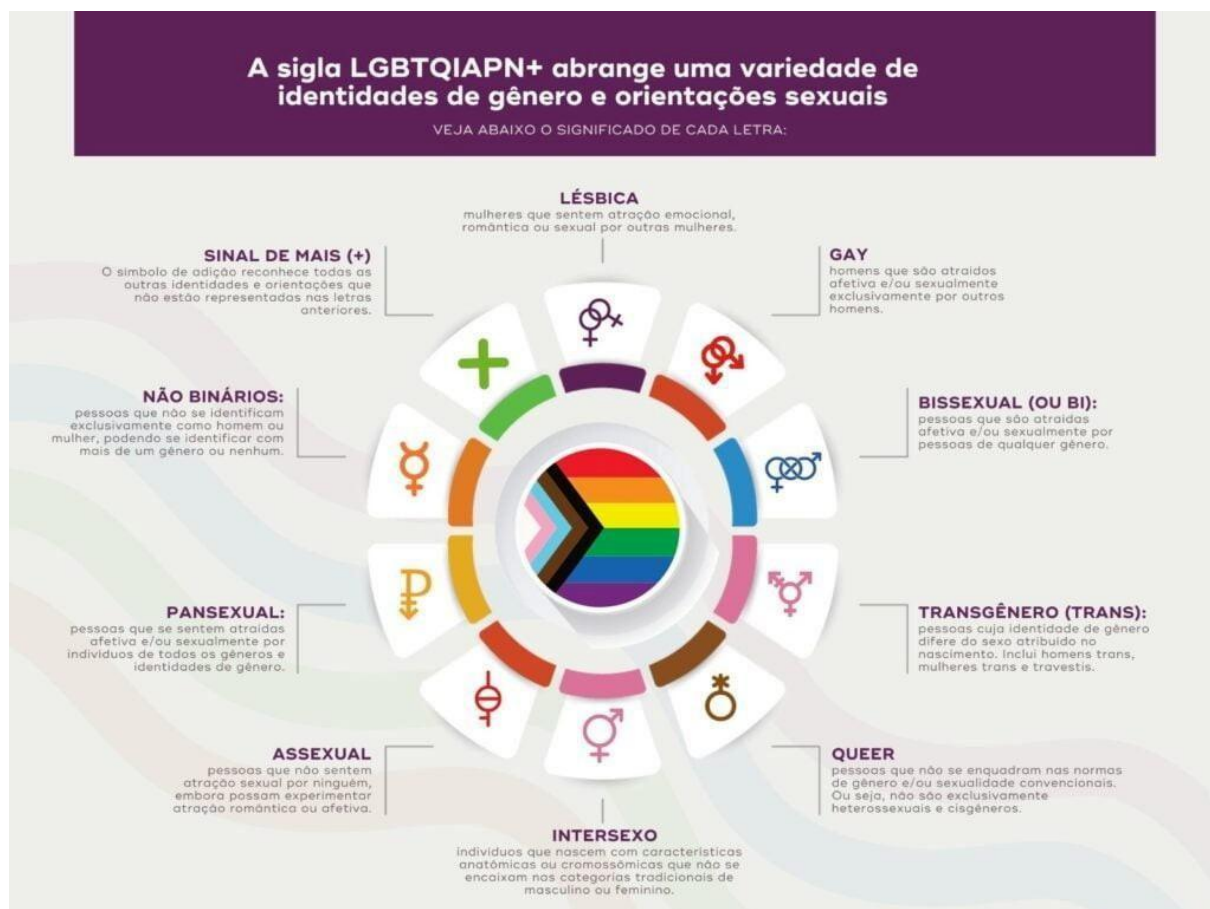
No que se refere às mulheres lésbicas, Delfim (2018, p. 497) evidencia que "[...] as lutas contra a patologização, repressão e fetichização da lesbianidade abriram caminho para a construção de um discurso identitário de afirmação da sexualidade lésbica". Entretanto, esse avanço não significa que os pontos negativos supracitados deixaram de ocorrer contra as mulheres lésbicas até os dias atuais.

No final da década de 1970, surge no Brasil o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB), assim denominado naquele período. Com o passar dos anos, o movimento passou por alterações significativas, a fim de refletir a multiplicidade de sujeitos que lutam por seus direitos sob uma mesma sigla. A primeira alteração significativa ocorreu nos anos 2000, com a adoção da sigla GLS, referindo-se a Gays, Lésbicas e Simpatizantes da diversidade.

O movimento foi se fortalecendo ao longo dos anos e passou a ser representado como "[...] movimento GLBT, LGBT, LGBTI, entre outras denominações. Atualmente, uma série de siglas convivem e há um frutífero debate sobre as formas mais adequadas de identificar o movimento social" (Cadernos LGBTQIA+ Cidadania, 2024, p. 8). Atualmente, a sigla está representada como LGBTQIAPN+, que contempla Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexuais, Pansexuais, Pessoas Não Binárias e outras identidades (Cartilha de Direitos da Comunidade LGBTQIAPN+, 2024, p. 18).

A seguir, apresenta-se uma imagem com o significado de cada letra da sigla LGBTQIAPN+.

Figura 1- Significado de cada letra da sigla LGBTQIAPN+



Fonte: Nilo Frantz, 2024.

É de grande relevância que não apenas a própria comunidade LGBTQIAPN+ busque estudar sobre as nomenclaturas e os conceitos que a representam, bem como sobre os direitos e leis que lhe competem, mas também toda a sociedade composta por pessoas heteronormativas, sendo a educação o melhor caminho para a conscientização e a promoção de políticas públicas que fortaleçam a proteção, a dignidade e a segurança dessas pessoas.

Pensando nisso, expõem-se a seguir conceitos fundamentais de grande valia para toda a população, visto que “Ao longo da história, várias definições e ideias ligadas à diversidade sexual e de gênero têm sido mal compreendidas. Esta falta de compreensão reforça noções equivocadas que levam ao preconceito e à exclusão.” (Cartilha de Direitos da Comunidade LGBTQIAPN+, 2024, p. 13).

- **Sexo biológico e Gênero:** O conceito de sexo diz respeito às diferenças genitais, cromossômicas e hormonais, enquanto o de gênero indica a complexidade das relações históricas e sociais que constituem quem identificamos como homens, mulheres ou pessoas sem um gênero determinado (Cadernos LGBTQIA+ Cidadania, 2024, p. 9);

- **Identidade de gênero:** A identidade de gênero diz respeito à percepção interna e profunda que cada indivíduo tem de si mesmo em relação ao gênero, podendo essa percepção coincidir ou não com o sexo biológico designado no nascimento. Trata-se de como cada pessoa, de maneira única, se relaciona com os conceitos sociais de gênero. Assim, as pessoas podem se identificar como cisgênero — quando sua identidade de gênero corresponde ao sexo atribuído ao nascer — ou como transgênero — quando essa identidade difere do gênero atribuído. Além disso, há aqueles que se identificam como não binários, agênero ou de gênero fluido, o que evidencia a importância de reconhecer e respeitar as múltiplas formas de vivência e expressão de gênero, que vão além das categorias tradicionais de feminino e masculino. (Cadernos LGBTQIA+ Cidadania, 2024; Cartilha de Direitos da Comunidade LGBTQIAPN+, 2024);

- **Expressão de gênero:** A expressão de gênero se refere às formas como as pessoas manifestam a sua identidade de gênero. Nesse sentido, passa pela forma como se apresentam, se vestem, se comportam. Historicamente nossa cultura estabeleceu os comportamentos e expressões próprias do gênero masculino ou feminino, com fronteiras nítidas, e apenas essas duas opções como possibilidade. No entanto, como construção social, tais padrões são constantemente

questionados e tensionados para que mudem ou incluam outros sujeitos que não se sentem representados por esses modelos pré-estabelecidos (Cadernos LGBTQIA+ Cidadania, 2024, p. 11);

▪ **Orientação sexual:** A orientação sexual está relacionada à forma com a qual a pessoa se compreende em seus relacionamentos afetivos e/ou sexuais. Existem diversas orientações sexuais e não há uma forma “única” ou “correta” de se expressar. As orientações mais conhecidas são as de homossexuais, heterossexuais, bissexuais, pansexuais e assexuais, dentre outras. (Cadernos LGBTQIA+ Cidadania, 2024, p. 12).

A Cartilha de Direitos da Comunidade LGBTQIAPN+ (2024) exemplifica os conceitos explicados anteriormente da seguinte maneira: “Uma pessoa, portanto, pode ser intersexo, não-binária e bissexual ao mesmo tempo. Ela pode ter nascido com elementos de ambos os sexos biológicos, não se identificar com nenhum gênero para si, mas sentir atração física ou afetiva por ambos os gêneros.” (Cartilha de Direitos da Comunidade LGBTQIAPN+, 2024, p.08).

2.1 Lesbianidade

Constata-se, atualmente, que as mulheres são um dos grupos sociais mais afetados pela inércia no desenvolvimento de direitos igualitários na maioria dos países. Indicadores apresentados pela Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Gênero e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres, 2023), que mensuram dimensões-chave do desenvolvimento humano, apontam que as mulheres brasileiras, em comparação aos homens, apresentam 32% a menos de desenvolvimento nos quesitos educação, saúde, inclusão profissional e financeira, participação em tomadas de decisão, capacitação e acesso ao conhecimento. Essa porcentagem é superior à média global, que é de 28%.

Ao adentrar o universo dos relacionamentos afetivos, sexuais e amorosos entre mulheres, os processos discriminatórios tornam-se ainda mais profundos, pois não se trata apenas da discriminação de gênero, mas também da sexualidade dessas mulheres. Assim como os homens homossexuais sofrem com a homofobia, as mulheres enfrentam a lesbofobia, agravada ainda pelo machismo, que frequentemente fetichiza seus corpos e relações amorosas.

Em épocas passadas, muitas mulheres mantinham relacionamentos entre si de forma velada ou simultaneamente com relacionamentos heterossexuais, como forma de atender às expectativas sociais e suprir o desejo sexual de ambas as partes. Essas repressões surgiram como resultado de interesses econômicos, sociais e políticos sustentados por uma sociedade patriarcal que busca exercer controle e dominação.

A homossexualidade masculina é muito mais conhecida; já no caso da lesbianidade, existem relatos, na literatura, que se referem a Esparta e à Ilha de Lesbos como possíveis locais onde ocorreram os primeiros registros de mulheres lésbicas. O autor Mark (2021) relata que as mulheres espartanas possuíam mais direitos e maior autonomia em comparação às mulheres de outras regiões, podendo herdar propriedades, possuir terras e realizar transações comerciais. Ele cita Atenas como contraponto, onde as mulheres eram tratadas como cidadãs de segunda classe, especialmente em relação aos homens atenienses. Mark enfatiza ainda que, em Esparta, eram comuns as relações entre pessoas do mesmo sexo, sem uma separação rígida entre homossexuais e heterossexuais.

A Ilha de Lesbos é frequentemente lembrada quando se fala sobre a origem do termo "lesbianidade", pois foi o lar da poetisa Safo, que escrevia poemas sobre o amor entre mulheres. Proveniente de uma família aristocrática, Safo participava de um grupo feminino que se reunia para estudar, e acredita-se que algumas dessas relações também fossem afetivas. Seus poemas, muitos com temáticas amorosas e até eróticas, expressavam tanto seu amor por mulheres quanto por homens, o que gerou críticas e rejeição em sua época. Safo, nascida na cidade de Eresos entre os anos 600 e 612 a.C., apesar do preconceito que enfrentou, foi

reconhecida por seu talento poético, sendo chamada por Platão de "décima musa". Sua produção incluía hinos e poemas dedicados à deusa Afrodite, organizados em aproximadamente nove livros. Infelizmente, a maioria desses escritos se perdeu ao longo do tempo, principalmente em decorrência da destruição promovida por autoridades religiosas.

Mesmo que Safo também direcionasse seus poemas a homens, isso não impediu que a poetisa se tornasse inspiração para o termo "sáfico" ou "sáficas", utilizado para se referir a mulheres que mantêm relações com outras mulheres. Seu tipo de relacionamento era denominado "safhístria", termo que se popularizou no início do século XX, antes da difusão do termo "lésbica" (Belge, 2017; Inaba, 2019).

Entretanto, os vínculos amorosos e sexuais entre mulheres são bastante distintos. Kautz (1998) afirma que homens homossexuais tendem a encerrar seus relacionamentos mais rapidamente do que as mulheres que se relacionam entre si. O autor acrescenta que as mulheres exploram a sexualidade no sentido do ato sexual de forma mais ampla.

Como complemento, Moita Ahlert (2023, p. 190) aponta que, anteriormente, ser "lésbica" era apenas uma maneira de dizer que uma mulher se relacionava com outras mulheres. Atualmente, porém, o termo também representa uma forma de resistência contra a ideia, ainda predominante, de que todos devem gostar de alguém do sexo oposto. Assim, ser lésbica não diz respeito apenas a quem se ama, mas também a um posicionamento político que rejeita regras tradicionais que tentam impor padrões universais de comportamento.

A autora Rich (2010, p. 19) discute a heterossexualidade compulsória, segundo a qual a experiência lésbica é vista como algo desviante, odioso ou até mesmo invisível. Ela explica que esse conceito retrata o que há muito se observa na sociedade: o desejo masculino de exercer propriedade emocional e sexual sobre as mulheres, considerando que a autonomia e a igualdade feminina representam uma ameaça à família, à religião e ao Estado. De acordo com Gomide (2007 apud Navarro-Swain, 2000, p. 41), no século XVII, a Inquisição não sabia como nomear mulheres que mantinham relações sexuais entre si, chamando-as de sodomitas. As mulheres lésbicas, portanto,

não possuíam sequer o direito a uma designação própria e eram tratadas como excluídas da sociedade. Diante disso, é possível refletir que, por muitos anos, essas mulheres foram discriminadas não apenas por sua orientação sexual, mas também por representarem uma figura de independência feminina.

Rich (2010) apresenta em seu texto outros termos e destaca a importância de não utilizar o termo "lesbianismo", mesmo após a despatologização da homossexualidade. A autora demonstra sua preferência por dois termos: "existência lésbica" e "continuum lésbico", pois considera que "lesbianismo" possui um sentido limitado e clínico. "Existência lésbica" retrata tanto a presença histórica das lésbicas quanto a recriação ou as mudanças contínuas no significado dessa existência. Já o termo "continuum lésbico" refere-se a um conjunto de possibilidades ao longo da história, abrangendo não apenas o desejo ou a experiência sexual, mas também os vínculos de amizade e apoio político.

Compreender a lesbianidade a partir de um olhar político é essencial, pois assumir-se lésbica significa desafiar diretamente as normas impostas pela heterossexualidade compulsória. Essa vivência, assim como a maternidade, é uma experiência profundamente feminina, marcada por opressões, significados e potencialidades próprias, que não podem ser plenamente compreendidas quando tratadas apenas como mais uma entre outras formas de sexualidade estigmatizada (Rich, 2010; Batista, 2020).

Em âmbito nacional, mesmo que em grau marginalizado, as lésbicas se uniram. De acordo com Kumpera (2021, p. 202), dos anos 1980 até a atualidade, muitas estratégias, articulações e mobilizações foram criadas por ativistas lésbicas, construindo assim uma história de potência e vontade de transformação social. A autora evidencia que, nos últimos quarenta anos, os movimentos feitos por e para lésbicas cresceram em todo o Brasil a partir de festivais, encontros, entidades da sociedade civil, mostras de arte, cinema e muito mais para que a visibilidade política das lésbicas tenha cada vez mais "palco" dentro da sociedade, permitindo que as pessoas questionem os preconceitos, a lesbofobia e os mecanismos de poder que possam prejudicar essas mulheres.

Como exemplo da movimentação lésbica no Brasil, destaca-se a criação do Grupo de Ação Lésbico-Feminista (GALF), fundado em 1981. Esse grupo independente foi formado por mulheres que anteriormente integravam o Grupo Lésbico-Feminista (LF), o qual fazia parte do Coletivo Somos, também atuante na época. As integrantes do GALF viveram suas infâncias e adolescências sob o regime autoritário da ditadura militar e, ao presenciarem os conflitos impostos pelos militares contra os opositores do regime entre eles feministas e mulheres lésbicas decidiram, posteriormente, criar um espaço onde pudessem elaborar e compartilhar reflexões políticas, vivências pessoais e histórias de amor, muitas vezes em forma de poemas. Como meio de divulgar seus pensamentos e produções, o GALF lançou o boletim *ChanacomChana*, que teve doze edições publicadas entre os anos de 1982 e 1987. A publicação abordava temas como sexualidade, prazer, política nacional e mobilizações internacionais, refletindo as preocupações e os posicionamentos do grupo (Inaba, 2019; Kumpera, 2019).

Por meio da mobilização do Galf e das edições do *Chanacomchana*, percebeu-se como essa primeira organização do movimento lésbico do país foi fundamental para dar protagonismo e espaço à politização da questão lésbica. A organização de um material pautado em epistemologias femininas e de lesbianidades contribuiu para a democratização das produções lésbicas daquele momento. Também colaborou para o processo de conscientização das lésbicas a nível pessoal e principalmente político, possibilitando por fim, localizar a construção de um discurso valorativo em torno da questão de se assumir lésbica (Batista, 2020, p.141)

Muitos já ouviram falar, já assistiram via mídias audiovisuais, por canais de comunicação social ou até mesmo frequentaram uma parada LGBTQIAPN+. Hoje, muitas cidades e estados do Brasil realizam anualmente esse evento, cujo objetivo é proporcionar cultura, lazer e trocas de informações para pessoas da comunidade, famílias e até mesmo para heterossexuais (que também participam). Trata-se de um momento de representatividade, onde as pessoas ficam confortáveis para serem ouvidas, poderem ser elas mesmas e, acima de tudo, mostrar para a sociedade que a comunidade continua viva e em luta.

No Brasil, o maior festival é o da cidade de São Paulo, realizado anualmente com o apoio de organizações LGBTQIAPN+, empresas de

diversos segmentos e até mesmo com verbas da prefeitura ou do governo. Diferente da parada, anualmente, antes dela, acontece a Caminhada Lésbica e Bissexual, que é um evento de organização independente, sem receber verbas externas. O evento tem seu direcionamento a partir de um tema que representa seu foco político-identitário. A caminhada, realizada na cidade de São Paulo, parte da Praça Oswaldo Cruz e termina no vão do Museu de Arte de São Paulo (MASP), onde ocorrem apresentações artísticas e culturais. As caminhadas constituem um evento político- cultural importante, reunindo mulheres lésbicas e bissexuais na ocupação do espaço público com seus corpos e vozes (Kumpera, 2019, p. 13).

O jornalista Julio Cesar Ferreira (2023) realizou entrevistas com duas mulheres lésbicas de perfis distintos, a partir das quais pôde reunir termos e informações relevantes para a compreensão da contemporaneidade da experiência lésbica. As narrativas das entrevistadas possibilitaram reflexões sobre a vivência da lesbofobia na infância, o processo de ressignificação de determinados termos, cujo significado só foi plenamente compreendido com o fortalecimento do vínculo com a comunidade LGBTQIAPN+, além dos relatos sobre a trajetória de aceitação de suas identidades como mulheres lésbicas. As participantes também abordaram expressões historicamente utilizadas de forma pejorativa, indicando a necessidade de sua exclusão do vocabulário social contemporâneo, ao mesmo tempo em que discutiram a emergência de novos termos e suas ressignificações no contexto atual.

Determinados vocábulos pertencentes à comunidade lésbica devem ser utilizados exclusivamente por seus próprios membros, uma vez que, quando empregados por indivíduos externos, inclusive aqueles pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+, podem carregar conotações negativas, configurando-se como formas de violência verbal e atos de lesbofobia. Um exemplo de termo ressignificado positivamente dentro da comunidade é "sapatão", amplamente utilizado entre mulheres lésbicas de maneira afirmativa.

Em contrapartida, termos como maria-macho e mulher-homem são considerados ofensivos e, portanto, devem ser evitados, dado seu histórico de uso pejorativo e discriminatório. Além dos termos pejorativos, uma das

entrevistadas por Ferreira (2023) pontua um aspecto extremamente importante: a falta de políticas públicas para essas mulheres e como a utilização dos termos lesbofobia e lesbocídio é mais adequada quando se trata da violência contra essas mulheres e seus relacionamentos, pois, ao usar o termo homofobia, mais uma vez, a sociedade pratica o apagamento dessa comunidade.

Ferreira (2023) detectou também que a palavra sáfica, já mencionada anteriormente nesta pesquisa, atualmente está sendo utilizada como um termo guarda-chuva, pois pode ser direcionada a bissexuais também. Já a palavra lésbica é exclusiva para mulheres que sentem atração apenas por outras mulheres; por isso, algumas pessoas preferem o termo “relacionamento sáfico” a “relacionamento lésbico”, por não ser possível saber se uma das mulheres da relação é bissexual.

Visto isso, por se tratar de um termo mais plural, esta pesquisa utilizará em seu título “relacionamento sáfico” como forma de representar todas as mulheres que estiverem em um relacionamento com outra mulher, independentemente de serem bissexuais ou lésbicas. A sociedade vivencia mudanças em muitos âmbitos. Como reflexo, muitas terminologias sofreram alterações e continuarão a sofrer. O movimento lésbico, como apresentado, sofreu muitas mudanças, carrega história no movimento, e espera-se que essas mulheres possam se prover cada vez mais de direitos, para que as represálias contra elas cessem com o caminhar da sociedade.

3. TESAuros COMO INSTRUMENTOS DE REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

Esta seção direciona-se a aspectos mais específicos da pesquisa no que concerne à organização e representação do conhecimento e seus instrumentos, chamados sistemas de organização do conhecimento, como o tesauro. Porém, antes de conceituar o que é o tesauro e como ele funciona, é imprescindível realizar uma explanação, ainda que breve, sobre a diferença entre informação e conhecimento. Por isso, apresenta-se, a partir de Brascher e Café (2008), a visão de Fogl (1979), que explica o que os diferencia, mesmo que estejam inter-relacionados no domínio da Ciência da Informação:

1) Conhecimento é o resultado da cognição (processo de reflexão das leis e das propriedades de objetos e fenômenos da realidade objetiva na consciência humana); 2) Conhecimento é o conteúdo ideal da consciência humana; 3) Informação é uma forma material da existência do conhecimento; 4) Informação é um item definitivo do conhecimento expresso por meio da linguagem natural ou outros sistemas de signos percebidos pelos órgãos e sentidos; 5) Informação existe e exerce sua função social por meio de um suporte físico; 6) Informação existe objetivamente fora da consciência individual e independente dela, desde o momento de sua origem. (Fogl, 1979 apud Brascher; Café, 2008, p.4-5).

Buckland (1991) argumenta que a organização do conhecimento é um processo inerentemente social, no qual as decisões sobre o que é relevante ou importante são moldadas por valores culturais e interesses institucionais. Ele destaca que "a organização da informação não é neutra; ela é um reflexo dos interesses e das relações de poder da sociedade em que é produzida" (Buckland, 1991, p. 24). Assim, os sistemas de classificação e indexação podem tanto legitimar quanto marginalizar determinados saberes, dependendo de quem controla os critérios de organização.

Além disso, Buckland ressalta que reconhecer o papel dos contextos socioculturais permite a criação de sistemas de informação mais inclusivos e representativos, evitando a reprodução de exclusões. Ele recomenda que profissionais da Ciência da Informação "desenvolvam abordagens críticas que questionem os pressupostos culturais embutidos nos sistemas de organização do conhecimento" (Buckland, 1991, p. 32), para que a

informação esteja ao alcance de diversos grupos sociais, promovendo a democratização do conhecimento.

Bowker e Star (2000) exploram como os sistemas de classificação e organização do conhecimento são instrumentos que refletem as dinâmicas de poder e as normas culturais dominantes. Eles afirmam que “as classificações são inerentemente políticas porque criam e mantêm fronteiras sociais” (Bowker; Star, 2000, p. 6). Segundo os autores, essas fronteiras definem o que é incluído ou excluído do conhecimento oficial, podendo marginalizar grupos sociais ou formas de saber não hegemônicas.

Os autores concluem que uma abordagem crítica à organização do conhecimento deve incluir uma análise cuidadosa das consequências sociais dos sistemas de classificação, propondo que “a consciência das dimensões políticas das classificações pode abrir espaço para formas alternativas de organização do conhecimento que sejam mais justas e equitativas” (Bowker; Star, 2000, p. 259). Essa reflexão é fundamental para que a Ciência da Informação contribua para a transformação social e a inclusão cultural.

Segundo Barité (2001, p. 39-40), a Organização do Conhecimento busca prover:

[...] diversas práticas e atividades sociais ligadas ao acesso ao conhecimento, e pretende atuar como uma ferramenta para o processamento da informação e gestão do uso da informação, abrangente e integradora de fenômenos e aplicações ligados à estruturação, disposição, acesso e disseminação do conhecimento socializado (Barité, 2001, p. 39-40)

Esses produtos são compostos por termos utilizados na catalogação e indexação do acervo para designar pontos de acesso que serão usados na busca e recuperação da informação. Esses termos são designados a partir dos SOC que, além dos tradicionais sistemas de classificação (linguagem documentária notacional), incluem vocabulários controlados que contêm formas de nomes de pessoas (listas de autoridades) e termos tópicos, descritores de indexação ou cabeçalhos de assunto (linguagens documentárias alfabéticas) (Milani, 2024, p. 76).

A organização do conhecimento não é neutra, pois está “imersa em contextos socioculturais que definem os significados, as práticas e os

valores” que orientam sua construção (Moura, 2018, p. 1). Isso significa que os sistemas, como tesouros e classificações, podem refletir e até reforçar desigualdades sociais, especialmente relacionadas a gênero, já que “os sistemas de organização do conhecimento funcionam como vetores discursivos e institucionais da classificação social por gênero” (Moura, 2018, p. 1). Por isso, as escolhas terminológicas presentes nesses sistemas precisam ser analisadas criticamente para evitar a perpetuação de estereótipos e exclusões.

Silva (2020) complementa esse entendimento ao afirmar que “considerar o eixo cultural na organização do conhecimento é reconhecer que a informação não é neutra, mas carregada de contextos e significados que variam conforme o grupo social” (Silva, 2020, p. 33). Isso é especialmente importante em contextos multiculturais, onde os vocabulários controlados, tesouros e outras linguagens documentárias precisam ser sensíveis às especificidades culturais para evitar a exclusão ou marginalização de saberes locais.

A autora reforça que “a inclusão do eixo cultural nos processos de indexação e recuperação da informação promove a democratização do acesso ao conhecimento e amplia a representatividade dos diversos grupos sociais” (Silva, 2020, p. 37). Assim, a abordagem cultural contribui para uma organização do conhecimento mais justa, plural e alinhada com os princípios da equidade.

O uso do controle de vocabulário é fundamental para representar corretamente os assuntos durante a indexação e para melhorar as estratégias de busca na recuperação da informação. Com esse objetivo, os vocabulários controlados foram desenvolvidos para ajudar na organização e representação dos itens bibliográficos das bibliotecas, garantindo maior precisão na recuperação dos dados buscados pelos usuários (Alves; Tartarotti; Fujita, 2022, p. 53).

A recuperação de recursos informacionais é viabilizada a partir do tratamento descritivo e temático desses recursos. Para tanto, adotam-se processos e instrumentos de representação do conhecimento, sendo o vocabulário controlado utilizado para a padronização terminológica na

representação temática pelo indexador, no momento da atribuição de descritores que representam o assunto do recurso informacional. Alves, Tartarotti e Fujita (2022) destacam que os termos utilizados em um vocabulário controlado auxiliam a descrever e recuperar os recursos informacionais, sendo que:

os termos de um vocabulário controlado utilizados para descrever e recuperar os recursos informacionais são unidades terminológicas que realizam o controle de vocabulário para evitar variações terminológicas determinantes de problemas na recuperação da informação, tais como diferentes grafias de um mesmo termo, singular e plural, homonímia, polissemia ou palavras vazias, além de termos não específicos ou muito genéricos (Alves; Tartarotti; Fujita, 2022, p. 53).

Para Harpring (2016), vocabulário controlado é um arranjo organizado de palavras e frases usadas para indexar e/ou recuperar conteúdos. Promove consistência em termos preferidos e a atribuição dos mesmos termos a um conteúdo semelhante, tendo suas funções mais importantes o agrupamento de termos variantes e sinônimos em conceitos e a ligação dos conceitos em uma ordem lógica ou sua classificação em categorias. Segundo Lancaster (2004, p. 19), “um vocabulário controlado é essencialmente uma lista de termos autorizados” que realiza o controle de sinônimos, diferencia homógrafos e estabelece as relações hierárquicas e não hierárquicas.

Kobashi (2008, p. 1) apresenta que os vocabulários controlados possuem duas funções, sendo elas a de “representar a informação e o conhecimento por meio de um conjunto controlado e finito de termos” e a de controlar ou padronizar a linguagem para que se possa localizar ou identificar a informação por padronização lexical, para assim garantir a precisão e eficácia na comunicação entre os usuários e os sistemas de informações. Portanto, “um vocabulário controlado é utilizado para indexar documentos.” (Kobashi, 2008, p. 2).

De modo complementar, Lancaster (2004, p. 19) salienta que “em geral o indexador somente pode atribuir a um documento termos que constem na lista adotada pela instituição para a qual trabalha”. Um exemplo citado no texto do autor é a indexação por atribuição, que envolve a atribuição de termos ao documento oriundos de uma fonte que não seja o

próprio documento, mas sim a partir de um vocabulário controlado, para que a seleção dos descritores seja realizada de forma padronizada e coerente.

Por fim, cabe salientar que, segundo Biscalchin e Moreira (2024), a Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT) apresenta-se como a mais apropriada para a elaboração de vocabulários controlados equitativos. Nessa perspectiva, o significado dos termos não é fixo nem imutável, mas passível de variações conforme o contexto sociocultural e histórico em que se insere. Essa característica permite a aplicação dos termos de acordo com o contexto, viabilizando uma representação mais equitativa de distintas realidades culturais (Biscalchin; Moreira, 2024).

3.1 Tesouros e suas relações conceituais

A palavra tesouro vem da junção do grego e do latim. Remete originalmente à palavra tesouro, em latim, de onde teve sua origem epistemológica; tesouro vem da palavra *thesaurus*, que em grego se dá por *thesaurós*. O termo adquire notabilidade para representar a organização de vocabulários com fins de indexação e recuperação, a partir da publicação de *Thesaurus of English Words and Phrases*, do britânico Peter Mark Roget, em 1852 (Gomes, 1990; Campos; Gomes, 2007; Schiessl; Shintaku, 2012).

De acordo com as obras de Schiessl e Shintaku (2012) e Soares, Maculan e Oliveira (2019), o material de Peter Mark Roget se tratava de um dicionário analógico que compunha palavras e frases em inglês segundo ideias-chave que foram relacionadas a partir de uma ordenação classificatória; ou seja, as palavras eram agrupadas de acordo com o que as ideias significavam. Sua evolução teve influência nos fundamentos da teoria da classificação, assim como contribuições da classificação facetada e, posteriormente, os elementos da teoria do conceito trouxeram a possibilidade da criação de uma nova abordagem, facilitando a criação de estruturas conceituais em lugar dos sistemas de palavras (Schiessl; Shintaku, 2012; Soares; Maculan; Oliveira, 2019).

Em 1970, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), por meio do programa World Science

Information System – UNISIST, definiu tesauro para a área da Ciência da Informação:

- a) **Segundo a estrutura:** é um vocabulário controlado e dinâmico de termos relacionados semântica e genericamente, cobrindo um domínio específico do conhecimento;
- b) **Segundo a função:** tem a proposta de proporcionar o controle terminológico usado na tradução da linguagem natural dos documentos, dos indexadores ou dos usuários, numa linguagem do sistema (linguagem de documentação, linguagem de informação) mais restrita (UNESCO, 1973, p. 06).

O surgimento do tesauro deu-se para que fosse criada uma linguagem que pudesse proporcionar maior confiabilidade para a indexação e, conseqüentemente, para a manutenção da comunicação entre a recuperação do documento e o usuário, seja em um sistema analógico ou automatizado, com o propósito de evitar ruídos de comunicação entre sistema informacional e usuário.

A norma ANSI/NISO Z39.19-2005 apresenta que o tesauro é um tipo de vocabulário controlado, organizado em ordem de conhecimento e estruturado de maneira que as variadas relações entre os termos possam ser exibidas de forma clara e identificadas por indicadores de relacionamento padronizados. Soares, Maculan e Oliveira (2019, p. 188) exprimem em seu texto que os tesauros são instrumentos de grande valia para a ORC, permitindo que, durante o processo de representação via indexação, o profissional possa representar os conteúdos de forma consistente.

Moreira (2019, p. 11) salienta que um dos objetivos tradicionais do tesauro é guiar a pessoa indexadora e os pesquisadores ou pesquisadoras a escolherem o mesmo termo para o mesmo conceito. De acordo com Schiessl e Shintaku (2012), existem duas funções essenciais em um tesauro, sendo:

- a) capacidade de representar os assuntos do documento que se deseja representar, identificando os termos que melhor se relacionam ao assunto e os caracterizam a partir da linguagem específica do tesauro utilizado; e

- b)** a competência de também representar as buscas realizadas pelos usuários.

Para tanto, Maculan (2024, s. p.) evidência de maneira completa que:

Os tesouros têm uma representação semântica bastante consistente, cujo conjunto de descritores se organiza em uma estrutura hierárquica, que estabelece relacionamentos entre si. A estrutura conceitual do tesouro é construída com o intuito de minimizar a ambiguidade (imprecisão do significado) e a polissemia (pluralidade de significados) da linguagem natural. As relações básicas, estabelecidas na organização do tesouro, são as de equivalência (controle de termos em sinonímia e controle de variações linguísticas), as hierárquicas (grupos compostos por conceitos ordenados por níveis diferentes de generalidades e especificidade) e as associativas (ligações não-hierárquicas entre conceitos). [...] Esse instrumento apresenta os conceitos conectados de maneira sistemática, através de referências cruzadas e de diferentes relações semânticas, e não apenas arranjos em ordem alfabética.

Cabe ressaltar que os tesouros podem abranger diversas línguas do mundo, denominando-se multilíngues ou monolíngues, sendo este último o tesouro que contempla apenas uma língua em seus termos. Além dessas especificidades, Gomes (1990) evidencia que eles podem ser classificados também pelo nível de especificidade de seus termos, em macrotresouros, que representam conceitos mais amplos, e microtesouros, que exprimem conceitos mais específicos. Ainda segundo o autor, tesouro é uma linguagem dinâmica que realiza o controle da terminologia de um domínio específico do conhecimento, criado a partir de critérios pré-estabelecidos. Em virtude de sua dinamicidade, o instrumento permite que novos termos sejam acrescentados e, em vista disso, sua atualização precisa ser realizada constantemente (Gomes, 1990).

Maculan (2024, s. p.) pontua que há, no tesouro, a possibilidade de apresentação dos termos empregados por termos preferidos e não preferidos, sendo os preferidos escolhidos para a representação e os não preferidos os termos que não são escolhidos diretamente, mas que podem compreender o tema. Ainda sobre as questões estruturais, a autora disserta sobre as terminologias próprias de um tesouro por meio dos seguintes campos:

- **Descritor preferido:** termo escolhido para representar um conceito no tesauro e esse termo será utilizado para realizar a indexação e na recuperação de determinado assunto; antes do descritor constará a sigla USE;
- **Descritor não-preferido:** por mais que represente o mesmo conceito, não se trata de um termo autorizado para uso no momento da representação conceitual, a fim de minimizar a dispersão de sinônimos; antes do termo não- preferido aparecerá a sigla UP (usado para);
- **Nota de escopo:** representa uma definição do descritor ou uma orientação sobre como usá-lo em uma indexação ou para a compreensão de pesquisadores; a nota de escopo aparece com a sigla NE;
- **Termo genérico:** aponta que há relação hierárquica entre conceitos, representando um conceito mais abrangente, este termo aparece como TG;
- **Termo específico:** indica um ou mais conceitos subordinados ao conceito mais genérico na hierarquia, a sigla que o representa é TE;
- **Termo relacionado:** e por fim, o termo relacionado é inserido no tesauro por TR, ele indica que há relações não hierárquicas entre conceitos ou não equivalência entre descritores, determinando a existência de outro tipo de associação.

Quanto às relações conceituais, primeiramente, Maculan (2024) explica que o termo relações ou relacionamentos engloba um sentido mais amplo e plural de conexões, incluindo relações semânticas, lexicais e cognitivas específicas. Soares, Maculan e Oliveira (2019, p. 177) explicitam que as estruturas do tesauro se dão a partir de relações de equivalência (controle de sinonímia e variações linguísticas), hierárquicas (ligações em distintos níveis de generalidade e especificidade) e associativas (relações não hierárquicas).

Fujita, Cruz e Patrício (2017, p. 8) apresentam uma explicação simples, complementada por exemplos, sobre as relações que podem auxiliar a compreensão do leitor, conforme segue:

- Na **relação hierárquica** [...] os termos são dispostos em classes, sendo possível aprofundar-se para termos mais específicos ou mais gerais, como, por exemplo, numa classe de “Animais”, é possível ter “Aves”, assim como “Tucano” também é um tipo de ave e estará como termo específico deste;
- A **relação associativa** figura-se no sentido de termos que se localizam no mesmo sentido, ou seja, são subordinados e superordenados em uma mesma classe, mas não representam a mesma ideia; é o caso, por exemplo, de “Tucano” e “Urubu”, ambos “Aves” ocupando o mesmo nível hierárquico, porém, diferentes entre si;
- Já a **relação de equivalência**, na qual os termos se relacionam no mesmo nível hierárquico, contudo, desta vez, podem passar a mesma ideia. Esse tipo de relação propicia ao usuário ter ciência dos termos que pertencem à mesma temática e identificar qual foi o utilizado na indexação, isto é, o termo preferido, e qual pode ter o mesmo sentido, mas não foi usado na representação, termo não preferido. Nesses casos, o tesauro apresenta o “use”, para que o usuário saiba qual termo empregado para localizar determinada temática.

Quanto à construção ou reconstrução de um tesauro, é importante a formação de uma equipe com profissionais de diversas áreas e diferentes especializações, como bibliotecários, especialistas do domínio, profissionais de letras e computação, entre outros que o coordenador do projeto achar necessários. Além disso, um dos pontos cruciais é entender o público-alvo e considerar aspectos que tornem esse tesauro mais representativo e que alcance o objetivo proposto. Para isso, Maculan (2024, s.p.) evidencia as garantias a serem levadas em consideração: a) garantia literária; b) garantia de uso; c) garantia organizacional; d) garantia acadêmica; e e) garantia cultural.

Como pode-se observar, é possível que o conhecimento seja representado a partir de termos que representam de maneira simplificada os conceitos presentes nos domínios, mas, para isso, é necessário seguir um caminho complexo que requer planejamento. Cabe salientar que uma construção do tesouro bem planejada e direcionada, com uma equipe qualificada, é importante; porém, a constante avaliação desse tesouro é crucial para que ele continue em crescimento, acompanhe as mudanças dos diversos domínios e esteja em comunhão com as transformações dos termos que acompanham a sociedade. A seguir, será dissertado brevemente sobre aspectos éticos e de equidade no que tange aos tesouros e à representação do conhecimento.

4. RESPONSABILIDADES COM A ÉTICA E A EQUIDADE NA ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

Tendo em vista que os sistemas de organização do conhecimento são desenvolvidos, atualizados e mantidos por decisões humanas, é inevitável que sofram influências de aspectos sociais e culturais, especialmente na escolha dos termos utilizados. Esse processo pode gerar desvios, preconceitos e exclusões. No que se refere à representação da comunidade LGBTQIAPN+, e mais especificamente das relações lesboafetivas, ainda são evidentes lacunas, inadequações e a falta de atualização dos descritores, que muitas vezes não incorporam as terminologias mais atuais e representativas para essa comunidade.

A ética é um elemento muito importante para a organização do conhecimento, especialmente na criação de tesouros. Realizar o trabalho com ética facilita tornar a informação acessível a todos os usuários, sejam eles de grupos majoritários ou minoritários (Biscalchin; Moreira, 2024). Por isso, buscar a equidade na representação exige empatia e a capacidade de enxergar além das próprias vivências, já que todos nós somos constantemente influenciados pela sociedade, pela cultura e pela história em que vivemos (Biscalchin; Moreira, 2024, p. 392).

Para Pinho (2010, p. 04), o profissional bibliotecário, ao estabelecer termos que representem o conhecimento, estabelece rótulos permeados por certa subjetividade. Essa prática, sem dúvida, está baseada em um contexto cultural e ideológico e, por isso, a representação do conhecimento pode sofrer interferências pessoais do profissional. Dessa forma, tanto o trabalho do profissional quanto os instrumentos utilizados estão fadados a possuírem a visão particular de mundo de cada indivíduo, como os sistemas de classificação, os cabeçalhos de assuntos e os tesouros.

Os desvios ou preconceitos oriundos dessa representação precisam ser evitados ou, na sua impossibilidade, o usuário deve ser alertado de tal fato. Esse pode ser um possível caminho para a democratização da organização e representação do conhecimento, no que se refere à inclusão

social, podendo, por meio do reforço das notas explicativas e do destaque das relações associativas, oferecer uma melhor comunicação com a comunidade de usuários (Pinho, 2010, p. 130–131).

De acordo com Milani (2010)

A representação do conhecimento é de natureza documental, desenvolve-se no contexto de uma cultura e visa a disponibilizar informações ao usuário, sendo assim deve atuar de forma a que todos, sem distinção, se sintam refletidos nessa realidade, pois caso alguma *bias* seja percebida, esse usuário, ou grupo de usuários, poderá se afastar do sistema de informação como um todo, por nele não se ver refletido - ou incluído. (Milani, 2010, p. 14).

Olson (2002), uma das principais teóricas a abordar o tema na representação da informação, destaca que esses vieses estão intrinsecamente ligados a valores éticos e de equidade, podendo envolver aspectos como gênero, orientação sexual, raça, idade, etnia, linguagem, classes sociais e religião, entre outros. Sob essa perspectiva, o profissional responsável pela indexação possui o poder de nomear e categorizar, como ocorre, por exemplo, na Classificação Decimal de Dewey e nos tesauros, que refletem, inevitavelmente, a cultura e os valores de seus criadores (Olson, 2002). Um exemplo marcante apresentado pela autora é a observação de que, em 1996, a *Library of Congress Subject Headings* (LCSH) realizou uma alteração em seus cabeçalhos de assuntos, substituindo o termo "homem" por "seres humanos".

Pinho (2010, p. 46) aponta que “a caracterização dos atributos físicos e de conteúdo das obras, seus suportes, acesso às informações em níveis global e local, diversidade de línguas, indivíduos que pertencem às várias culturas, grupos étnicos e religião” não foi analisada quando a era da informação foi iniciada. Para o autor, todos esses aspectos tendem a influenciar as dimensões éticas da representação do conhecimento. Frente ao exposto, entende-se que “[...] a preocupação com as diferenças culturais deve fazer parte do planejamento, construção, gestão e avaliação dos sistemas de organização e representação do conhecimento.” (Milani; Guimarães, 2011, s.p.).

Nas palavras de Pinho (2010)

Existe atualmente um desafio para a representação do conhecimento que é a promoção desse processo a partir da elaboração de instrumentos e produtos que estejam menos suscetíveis a uma dada ideologia, e que respeitem as variadas formas de conhecimento. Esse desafio não representa uma busca pela neutralidade, que se entende ser impossível, mas na compreensão de que existem diversas visões de mundo (Pinho, 2010, p. 48).

Fernández-Molina e Guimarães (2002, p. 488-489) apresentam um conjunto de sete valores éticos que devem ser levados em consideração para a realização das atividades de representação do conhecimento, quais sejam:

- 1) O interesse do usuário vem primeiro;
- 2) Prover serviços objetivamente, sem influência de qualquer espécie;
- 3) Prover os usuários com a mais atual e precisa informação possível;
- 4) Evitar a censura na seleção de materiais de informação;
- 5) Se algum tipo de censura ou filtro existir, informar os usuários de suas limitações;
- 6) Separar as crenças pessoais do serviço profissional;
- 7) Manter a competência profissional.

Silva (2023, p. 137) ressalta que “as discussões teóricas sobre o uso de termos desatualizados e ofensivos na Organização do Conhecimento são importantes para conscientizar e alertar sobre a necessidade de revisão dos termos utilizados.” No entanto, segundo a autora, a implementação de mudanças nos termos geralmente é lenta. Por isso, é importante que as instituições responsáveis por todo o processo de criação dos SOC atentem para as atualizações e revisões, a fim de garantir que sejam precisos, atuais e inclusivos.

Cabe citar que, a partir da análise dos dados realizada pela autora supracitada em sua pesquisa, concluiu-se que as discussões em sua subseção, onde aborda o assunto queer no contexto da Organização do Conhecimento, evidenciam a necessidade de um “comprometimento ético com a justiça social e a equidade na Organização do Conhecimento, a fim de garantir a representação adequada e inclusiva da comunidade LGBTQIA+ [sic]” (Silva, 2023, p. 135).

Vanin e Sales (2024, p. 14) destacam que “a organização do conhecimento se faz a partir de categorias preestabelecidas por uma determinada cultura hegemônica e totalizante, mediante uma lógica essencialista e hierarquizante, sem compreender, muitas vezes, a violência e o lugar hegemônico de onde partem suas propostas.” Diante disso, os autores afirmam: “Devemos ser transparentes sobre nossos processos de organização, garantindo que sejam guiados por princípios éticos e respeito pela diversidade, e estar dispostos a prestar contas à comunidade LGBTQIAPN+ e à sociedade em geral sobre nossas ações e decisões.” (Vanin; Sales, 2024, p. 19).

As autoras Coutinho e Santos (2024, p. 8) apresentam considerações ainda não encontradas na literatura, ao mostrarem que, ao utilizar os instrumentos construídos para realizar a representação com controle terminológico, o bibliotecário se depara com situações que exigem atenção e decisões pautadas na ética. No entanto, nem sempre o profissional responsável terá os conhecimentos necessários para lidar com esses impasses ou “até mesmo encontram-se perdidos, haja vista a insuficiência de pesquisa na área”; e que “quando essa etapa não é realizada de maneira adequada, culmina em uma representação distorcida, excludente ou desrespeitosa.” (Coutinho; Santos, 2024, p. 8).

Por sua vez, Milani (2024) salienta que, para um estudo ser considerado crítico no que tange aos sistemas de organização do conhecimento, é preciso que ele aborde temas políticos e sociais. Por isso, é necessário também levar em consideração a compreensão dos dilemas éticos que podem ocorrer, além de valores e problemas éticos.

Dentre os valores éticos apresentados pela autora, destaca-se, para este estudo, o valor ético da garantia cultural. Milani afirma que esse valor exerce grande influência na atualidade, por sua importância para todas as comunidades de usuários, tendo em vista que existem diferentes usuários, com diferentes identidades e necessidades informacionais específicas. Isso é especialmente relevante considerando o pressuposto de que a biblioteca deve sempre se orientar pela promoção da justiça social para a comunidade, “por lidar com a gestão de acervos com o intuito de promover o acesso à informação, o desenvolvimento de pesquisas científicas, a preservação da memória e o lazer por meio da leitura e ações culturais.” (Milani, 2024, p. 100).

Da negação deste valor ético, tem-se “má representação ou incompletude”. Esse problema ético consiste na falha da representação do conhecimento ocasionada por aplicação inapropriada dos SOC ou materialização de um preconceito do bibliotecário nas representações presentes no substitutivo documental. Nesse caso, não houve uma preocupação ou cuidado com as necessidades dos usuários, o que resulta em ruídos na recuperação da informação, recuperação da informação imprecisa ou, ainda, impactos negativos na autoimagem dos usuários (Milani, 2024, p. 87).

A autora apresenta quatro pontos que contribuem para a ocorrência de dilemas éticos:

- 1) uma ação não condiz com os valores éticos de quem a está executando;
- 2) uma ação envolve dois ou mais valores éticos conflitantes entre si;
- 3) uma ação não ampara um valor ético que a pessoa que a está executando julga ser essencial para o fim ao qual ela se propõe; e
- 4) uma ação difere do proposto pela política adotada pela instituição (Milani, 2024, p. 83).

De modo complementar, a autora também aponta possíveis consequências quando não há resoluções de problemas éticos na organização e representação do conhecimento:

- 1) impacto na autoimagem do usuário;
- 2) impacto na construção do conhecimento pelo usuário;

- 3) indução a crenças falsas ou preconceituosas, incluindo a estigmatização de determinados grupos de pessoas, principalmente os não pertencentes aos grupos dominantes; e, por fim, o mais importante,
- 4) reforço da crença de que o objetivo de todos os sistemas de organização do conhecimento (SOC) é amparar os sistemas universais de recuperação da informação, visando à padronização e à internacionalização dos registros catalográficos, notações de classificação e descritores de indexação (Milani, 2024, p. 85–86).

Nesse sentido, é de extrema importância que, ao construir e aplicar um sistema de organização do conhecimento na representação do conhecimento, sejam levadas em consideração as diversas necessidades locais para promover a equidade na representação. Além disso, a partir do uso de sistemas hierárquicos, em que as classes se relacionam com a classe anterior, podem-se evidenciar preconceitos que continuam a marginalizar comunidades que, muitas vezes, já são excluídas pela sociedade em que estão inseridas (Milani, 2024; Barros; Evangelista, 2024, p. 180).

A Organização do Conhecimento deve conduzir-se pela diversidade de espaços de produção cultural dos saberes: territórios urbanos ou rurais, grupos étnicos e segmentos coletivos como negros, populações indígenas, mulheres, moradores de rua, imigrantes, refugiados, homossexuais, pessoas idosas, obesos, moradores de comunidades ou “favelas”, grupos portadores de alguma deficiência física e ainda outros mais específicos como os terreiros de Umbanda e de Candomblé, Jurema Sagrada, Bumba-meu-Boi, Samba, Capoeira, dentre outros que compõem a cultura brasileira. (Barros; Evangelista, 2024, p. 186; Silva; Almeida, 2024, p. 249).

Mesmo com o crescente número de estudos sobre gênero e sexualidade na organização e representação do conhecimento, especialmente no que tange à ética e à equidade, neste domínio existem silenciamentos, estereótipos e distanciamento de autores. Rodrigues e Vargas (2021) evidenciam a partir de seu estudo sobre a região sul do Brasil, que a área da Ciência da Informação possui barreiras que resultam em marginalizações estruturais, principalmente à questões relacionadas com a justiça epistêmica. Dessa forma, destacam a necessidade de promover

produções acadêmicas mais inclusivas, interdisciplinares e que tenham o foco na ética juntamente com a justiça epistemológica.

O estudo argumenta que essas marginalizações estruturais resultam de configurações de poder e injustiça epistêmica, e destacam a urgência dos autores promoverem uma produção acadêmica mais inclusiva, interdisciplinar e comprometida com a ética e a justiça epistemológica. Por isso, compreender e transformar essa realidade é fundamental para que os sistemas de organização do conhecimento consigam representar de forma ética, verdadeira e justa as pessoas que estão fora dos padrões normativos de gênero e sexualidade.

Tendo em vista as reflexões apresentadas até o momento, cabe ressaltar a importância de discutir e apresentar neste estudo aspectos do pensamento decolonial na organização e representação do conhecimento. O pensamento decolonial surge como uma resposta crítica às estruturas eurocêntricas que, ao longo das décadas, moldaram os sistemas de organização e representação do saber.

Desde já, a partir do estudo de Quijano (2002), é possível observar que a colonialidade do saber sustenta uma hierarquia de conhecimentos que privilegia epistemologias ocidentais, marginalizando saberes locais e experiências de populações subalternizadas, como a comunidade LGBTQIAPN+. O mesmo autor enfatiza que "a colonialidade do poder permanece como o mais difundido e eficaz aparato de dominação" (Quijano, 2000, p. 544).

No campo da Ciência da Informação, isso se reflete em estudos que apontam a necessidade de repensar instrumentos como tesouros e sistemas de classificação. Romeiro (2024), em sua tese, defende que a estruturação dos termos nos tesouros ainda reflete uma lógica binária e heteronormativa, afirmando que "a falta de representação de identidades não cis-heteronormativas perpetua silenciamentos estruturais nos sistemas de informação" (Romeiro, 2024, p. 85). A autora sugere que o pensamento decolonial, aliado à interseccionalidade, é essencial para desconstruir essas barreiras epistemológicas. Ela afirma que "a interseccionalidade permite evidenciar as múltiplas camadas de opressão que influenciam a forma como

o conhecimento é organizado e representado, especialmente em relação às questões de gênero" (Romeiro, 2024, p. 85).

Barcellos (2023) reforça essa ideia ao destacar que "a inclusão de marcadores identitários, como gênero e orientação sexual, nos tesouros, não é apenas uma questão técnica, mas profundamente ética e política" (Barcellos, 2023, p. 6). Vanin (2023) complementa, afirmando que a desclassificação de categorias opressoras é uma ação necessária dentro do paradigma decolonial, sobretudo quando aplicada à representação de patrimônios culturais LGBTQIAPN+. O autor afirma que "ao desafiar hierarquias classificatórias, abrimos espaço para epistemologias dissidentes e mais alinhadas com a justiça social" (Vanin, 2023, p. 112).

A ética na organização e representação do conhecimento (ORC) envolve uma reflexão crítica sobre os processos de categorização e indexação, com o objetivo de evitar a reprodução de preconceitos e exclusões. Pinho e Milani (2020, p. 85) destacam que "a categorização de termos fronteiriços em relação a gênero e sexualidade demanda uma abordagem ética que considere as especificidades e complexidades desses conceitos". Esses termos, muitas vezes, não se encaixam nas categorias tradicionais dos sistemas de organização do conhecimento, exigindo uma análise cuidadosa para garantir uma representação justa e inclusiva.

A equidade na ORC implica reconhecer e valorizar as diferentes identidades e experiências, garantindo que todos os grupos sociais sejam representados de forma adequada. Sá, Milani e Tognoli (2023, p. 7) argumentam que "a práxis voltada para a justiça social pode ser considerada um supervalor para a organização do conhecimento, fortalecendo sua fundamentação teórica e orientação pela ampliação da democracia". Isso significa que a ORC deve ser orientada por princípios que promovam a inclusão e a equidade, desafiando estruturas hegemônicas e promovendo a diversidade.

Os tesouros são ferramentas essenciais na ORC, pois estruturam e padronizam os termos utilizados na indexação e recuperação da informação, mas cabe ressaltar a importância de se ter uma política que respaldará todo o processo a ser percorrido e a melhor alternativa é a criação de uma política

de indexação onde a autora Fujita (2016, p.16) salienta que a política de indexação carrega a função da negociação das decisões sobre a indexação, além de orientar e sistematizar o trabalho do indexador a fim de trazer aprimoramentos para a indexação e conseqüentemente para a recuperação da informação no sistema que estiver sendo realizada a etapa. A autora ainda salienta que a política de indexação pode ser utilizada para a construção e seleção de instrumentos de controle de vocabulário tais como linguagens documentárias, que podem auxiliar na padronização conceitual.

Contudo, muitos tesouros tradicionais não contemplam adequadamente as identidades e experiências da comunidade LGBTQIAPN+. Romeiro (2024) analisa a conceituação e hierarquização das questões de gênero em tesouros, evidenciando que "os tesouros investigados incluem, em parte, uma perspectiva interseccional na conceituação e hierarquização dos termos e que a crítica formulada pela perspectiva decolonial ainda é incipiente nos referidos instrumentos" (Romeiro, 2024, p. 12). Isso demonstra a necessidade de revisar e atualizar esses instrumentos para garantir uma representação mais justa e inclusiva.

A inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ na ORC enfrenta diversos desafios, como a resistência a mudanças nos sistemas tradicionais e a falta de compreensão sobre as especificidades dessas identidades. No entanto, iniciativas como a categorização ética de termos fronteiriços (Pinho & Milani, 2020) e a análise crítica de tesouros existentes (Romeiro, 2024) apontam caminhos para uma ORC mais equitativa e justa. Além disso, a promoção de políticas institucionais que incentivem a diversidade e a inclusão é fundamental para transformar as práticas de organização do conhecimento.

A responsabilidade ética, a equidade e a justiça social são princípios fundamentais na organização e representação do conhecimento. A inclusão da comunidade LGBTQIAPN+ em instrumentos como os tesouros é essencial para garantir uma representação justa e adequada, refletindo a diversidade da sociedade. Para isso, é necessário revisar e atualizar os sistemas de organização do conhecimento, incorporando perspectivas críticas e inclusivas que promovam a equidade e a justiça social.

5. METODOLOGIA DA PESQUISA

Esta seção destaca a descrição do percurso metodológico adotado na pesquisa, com o objetivo de expor, de maneira clara e objetiva, os métodos empregados, os instrumentos utilizados para a coleta e análise de dados, o universo investigado e os termos selecionados para a dissertação dos resultados e discussões.

Diehl e Tatim (2004, p. 47) apontam que “[...] a pesquisa constitui-se num procedimento racional e sistemático, cujo objetivo é proporcionar respostas aos problemas propostos”. Para encontrar tais respostas, é necessário utilizar procedimentos metodológicos a partir de instrumentos de coleta e análise de dados. Nesta perspectiva, Souza (2019, p. 19-20) diz que a “metodologia é um procedimento padrão na comunidade científica, pois indica o caminho a ser percorrido durante a pesquisa [...] para estudar fenômenos, sujeitos, propriedades e suas relações”. Logo, a metodologia se trata de caminhos a serem percorridos para “[...] identificar possibilidades e limitações no âmbito de sua aplicação no processo de pesquisa científica” (Diehl; Tatim, 2004, p. 47).

Para esse propósito, é fundamental que a pesquisa utilize métodos e instrumentos adequados para a coleta e análise de dados, além de definir claramente a natureza, a abordagem e a tipologia do estudo. Essas definições são essenciais para garantir a solidez metodológica, permitindo a coleta de dados qualitativos e/ou quantitativos suficientes para dar base à construção e à apresentação dos resultados, bem como à elaboração das discussões sobre as coletas.

Desse modo, a pesquisa possui natureza aplicada, sendo do tipo exploratória- descritiva. Silveira e Córdova (2009, p. 35) salientam que a natureza aplicada parte do objetivo de “[...] gerar conhecimentos para aplicação prática, dirigidos à solução de problemas específicos. Envolve verdades e interesses locais.” Já a pesquisa exploratória proporciona maior familiaridade do pesquisador com o problema, propiciando ideias ou descobertas de intuições, sendo bastante flexível no que tange à possibilidade de consideração de aspectos relativos ao fato estudado (Gil, 2002, p. 41).

Quanto à abordagem da pesquisa, corresponde à qualitativa, em que a mesma se direciona para aspectos da realidade que não podem ser quantificados e para as dinâmicas das relações sociais, de organizações etc. Possui características que proporcionam ao pesquisador se aprofundar sobre os objetivos buscados, caracterizando-se por ser mais voltada para a descrição, compreensão, explicação e precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural, sempre respeitando a interatividade entre os objetivos da pesquisa, a teoria e seus dados empíricos (Silveira; Córdova, 2009).

A presente pesquisa se desdobra a partir de duas etapas. Na primeira, volta-se para a escrita do corpus teórico e identificação dos termos correspondentes à comunidade lésbica nos textos científicos, cartilhas governamentais de âmbito federal e estadual, e em blogs voltados para assuntos relacionados à comunidade que o estudo se direciona. Já a segunda etapa volta-se ao contato direto com os tesouros brasileiros selecionados para a análise, a fim de extrair os termos voltados à comunidade lésbica e suas relações semânticas dentro do instrumento. Tais ações servem para posterior comparação das duas etapas e possibilitam averiguar as similaridades e incongruências terminológicas em relação aos termos selecionados.

Para esse fim, foram selecionados três métodos: para a primeira etapa, o levantamento bibliográfico e a análise de domínio; e para a segunda etapa, o método comparativo por indução. A seguir, apresenta-se uma figura com a representação dos passos metodológicos interligados ao seu objetivo específico correspondente e, posteriormente, inicia-se a subseção com a dissertação dos métodos, contendo seus instrumentos de coleta e análise dos dados.

Figura 2 - Procedimentos metodológicos e as ligações aos objetivos específicos



Fonte: Autora (2025).

5.1 Procedimentos metodológicos

O primeiro aporte metodológico para a construção da pesquisa dá-se pelo levantamento bibliográfico, o qual se direciona ao agrupamento de materiais que auxiliem na fundamentação teórica da pesquisa a partir de obras relevantes disponíveis em meio analógico ou em âmbito digital, a fim de conhecer e analisar o tema e o problema de investigação.

Conforme Amaral (2007, p. 1), o levantamento bibliográfico é uma etapa fundamental em todo trabalho científico, que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, consistindo no levantamento, seleção, fichamento e arquivamento de informações relacionadas à pesquisa. Sousa, Oliveira e Alves (2021) destacam que são utilizados livros, artigos científicos, teses, dissertações, anuários, revistas, leis e outros tipos de fontes escritas que já foram socializadas. Portanto, foram utilizados livros, teses e dissertações, artigos publicados em periódicos e anais de eventos científicos, mediante busca e recuperação em repositórios institucionais, bases de dados como a Base de Dados em Ciência da Informação (BRAPCI), SciELO e Scopus; a ferramenta Google Scholar e o catálogo da biblioteca da Universidade

Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), Campus de Marília, para materiais disponíveis fisicamente no acervo. Notou-se que, no catálogo da UNESP, a recuperação de materiais referentes às lésbicas se deu, em sua grande parte, quando adotado o termo “lesbianismo”.

A seguir, apresenta-se a análise de domínio (AD), segundo método escolhido para a construção do estudo. De acordo com Barros e Laipelt (2021), a análise de domínio começou a ser utilizada na Ciência da Informação na década de 1990, tendo suas próprias características. Os autores citam que a análise de domínio auxilia a Organização do Conhecimento “abarcando a construção de sistemas e seus respectivos processos” (Barros; Laipelt, 2021, p. 444).

Hjørland e Albrechtsen (1995) expõem que a análise de domínio é uma metodologia que dá ênfase a questões sociais, sendo que o melhor caminho a trilhar é o de estudar domínios de conhecimento como comunidades de pensamento ou discurso. Hjørland (2002) apresentou em seu texto onze maneiras que propõe para a Ciência da Informação combiná-las, a fim de fortalecer a identidade da área e gerar investigações de cunho teórico e prático de um determinado domínio, tendo ciência da importância do conhecimento dos domínios.

O autor Hjørland (2002) ressalta que deve haver a combinação das maneiras a serem aplicadas para a averiguação da análise de domínio. Para este estudo, evidencia-se a importância da combinação das maneiras dois — “produção e avaliação de classificações especiais e tesouros” — e sete — “estudos de documentos e gêneros em domínios do conhecimento”. Os autores Hjørland e Barros (2024, p. 38) dizem que a análise de domínio para a organização e representação do conhecimento pode ser resumida a partir dos seguintes passos:

- a)** vá a um determinado domínio;
- b)** veja como ele é classificado de acordo com o conhecimento contemporâneo
(incluindo diferentes visões);

- c) discuta a base, os pressupostos epistemológicos e quais interesses são atendidos pelas classificações propostas;
- d) sugira uma classificação motivada.

Tennis (2012) evidencia que existem dois tipos de análise de domínio: a descritiva e a instrumental. A análise de domínio descritiva costuma ser utilizada por pesquisadores, já que a evidência do que constitui um domínio advém dos interesses desses pesquisadores. Por sua vez, a análise de domínio instrumental é utilizada pelos desenvolvedores de sistemas de organização do conhecimento (Tennis, 2012, p. 6). À vista dos tipos de análise de domínio apresentados por Tennis (2012), o presente estudo se vincula à análise de domínio descritiva, visto que trabalhar sobre termos vinculados a mulheres lésbicas e seus relacionamentos lesboafetivos é um domínio de interesse da própria autora.

Por sua vez, o terceiro método selecionado foi o método comparativo. Considerando que a presente pesquisa se debruça sobre o entendimento dos instrumentos para a parte prática da ORC sob a perspectiva social, apresentam-se os autores Schneider e Schmitt (1998), que afirmam em seu texto que, a partir da comparação, é possível a descoberta de “regularidades, perceber deslocamentos e transformações, construir modelos e tipologias, identificando continuidades e descontinuidades, semelhanças e diferenças, e explicitando as determinações mais gerais que regem os fenômenos sociais” (Schneider e Schmitt, 1998, p. 1).

Já Fachin (2001) retrata que o método consiste em investigar coisas e fatos para analisar semelhanças e diferenças, permitindo a análise de dados por indução ou dedução. Utilizou-se tal método juntamente com uma lista de checagem contendo dados extraídos da literatura, cartilhas e relatórios, utilizados para o levantamento de termos específicos.

Desse modo, apresenta-se, a seguir, o universo de pesquisa, composto por tesouros brasileiros selecionados para a extração das relações semânticas e seus termos relacionados às lésbicas; após isso, expõem-se os termos selecionados para as análises e discussões.

5.2 Universo de pesquisa

Para compor o universo de pesquisa, foram selecionados quatro tesouros brasileiros. O primeiro visa especificamente questões de identidade sexual, identidade de gênero e violência sexual; o segundo abarca aspectos da área da saúde; o terceiro é de uso em âmbito universitário; e o quarto trabalha com descritores no contexto jurídico.

Optou-se por utilizar esses instrumentos devido à sua contribuição diversa para a pesquisa, uma vez que apresentam domínios variados, o que facilita a análise da representação da comunidade lésbica em diferentes contextos. A seguir, expõe-se uma breve descrição de cada um dos tesouros.

O primeiro tesouro refere-se ao **Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero**. Este teve sua criação a partir da necessidade de melhorar a compreensão do vocabulário e das ideias ligadas à variedade de descobertas sobre gênero e sexualidade, buscando indicar, a partir dos termos, os conflitos resultantes da violência advinda do preconceito contra a comunidade LGBTQIAPN+. O tesouro relaciona termos que focalizam três temáticas principais: identidade sexual, identidade de gênero e violência sexual.

Os termos presentes no tesouro são ordenados por arranjo alfabético e sistemático, tendo seus relacionamentos de forma facetada e acompanhados por notas de definição e escopo. Atualmente, o tesouro encontra-se com 130 descritores preferidos e 7 não preferidos, tendo recomendação de atualização a cada dois anos. O *software* utilizado é o Thesa — Tesouro Semântico aplicado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), contando como auxílio para padronização as normas ISO 25964 (2011) e Z39.19 (2010).

Na descrição, segundo o criador Rodrigo Amorim Tárzia, para sua criação procurou-se converter a linguagem natural dos autores e usuários em um vocabulário útil para indexação e recuperação, tendo como prioridade as relações semânticas e hierárquicas entre os termos. Com isso, evitou-se

a adoção exagerada de siglas, adotando-se notas de escopo e exemplos para a definição dos termos, quando necessário.

Figura 3 - Interface do Tesauro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O segundo instrumento é intitulado **Descritores em Ciência da Saúde (DeCS)**², um tesauro estruturado e multilíngue desenvolvido pela Biblioteca Regional de Medicina (BIREME) entre o final dos anos 1970 e 1986, a partir do Medical Subject Headings (MeSH), com o intuito de ser uma terminologia consistente para a representação e recuperação da informação em múltiplos idiomas e diversos tipos de materiais, como revistas científicas, livros, anais de congressos, relatórios técnicos e outros materiais da área de Ciências da Saúde.

Integra a metodologia LILACS, é um componente integrador da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e participa do projeto de desenvolvimento de terminologia única e rede semântica em saúde Unified Medical Language System (UMLS), da National Library of Medicine (NLM). Além dos termos pertencentes ao tesauro, categorias exclusivas foram desenvolvidas para abranger especificamente as áreas de Ciência e Saúde, Vigilância em Saúde, Saúde Pública, Homeopatia e Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas.

² [DeCS – Descritores em Ciências da Saúde](#)

Seus conceitos são organizados em uma estrutura hierárquica, o que permite a execução de pesquisas em termos amplos ou mais específicos, ou de todos os termos que fazem parte de uma mesma estrutura hierárquica, além de facilitar a busca por estratégias temáticas. Possui caráter dinâmico, com atualizações anuais de seus descritores e das estratégias de busca. Segundo o próprio site do DeCS, o instrumento passa por um processo constante de crescimento e mudança, incluindo alterações, substituições e criações de novos termos ou áreas.

Com isso, em 2024, o vocabulário controlado totaliza 77 qualificadores e 34.664 descritores, sendo 30.776 registros provenientes do MeSH e 3.898 exclusivos do DeCS. Quanto às suas categorias e descritores no momento, o vocabulário apresenta a seguinte distribuição: Ciência e Saúde com 330 descritores; Vigilância em Saúde, 816; Saúde Pública, 2.987; Homeopatia, 1.864; e Medicinas Tradicionais, Complementares e Integrativas com o menor número, 115 termos.

A escolha do tesauro DeCS se deu por ser um vocabulário controlado que permite não só que bibliotecas que não possuam seus próprios tesouros o utilizem, mas também estudantes e pesquisadores de modo geral que pesquisam sobre áreas específicas da saúde ou áreas correlacionadas.

Figura 4 - Interface do Tesauro DeCS.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O terceiro instrumento analisado é o Tesauro UNESP, criado para possibilitar seu uso na interface de busca integrada de todas as bases de dados da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Para isso, foi elaborado a partir do software TemaTres, com interoperabilidade inicial com os registros de autoridade via software Aleph.

Sua construção ocorreu a partir da utilização da base de registros de autoridades de assuntos da Lista de Cabeçalhos de Assuntos da Rede BIBLIODATA (LCARB) e, posteriormente, foram agregadas outras linguagens: *Library of Congress Subject Headings* (LCSH), Terminologia da Biblioteca Nacional (TBN) e Medical Subject Headings (MeSH) para áreas da Saúde.

O Tesauro UNESP apresenta os termos organizados em ordem alfabética e sistemática. Em 2024, conta com 133.889 termos, dentre os quais 76.480 são termos não preferidos, 26.365 relações hierárquicas, 85.576 relações associativas e 4.280 notas explicativas, conforme informações disponíveis no próprio ambiente. A seguir, observa-se a interface do Tesauro UNESP.

Figura 5 - Interface do Tesauro UNESP



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O quarto instrumento analisado foi o **Tesouro do Senado Federal (TSF)**³, também denominado Thesaurus do Senado Federal, conforme apresentado no website oficial. Trata-se de um vocabulário controlado destinado à indexação e recuperação de documentos no sistema do Senado. A gestão do TSF é realizada pela Subsecretaria de Informações, com o apoio da Secretaria de Documentação e Informação do Senado Federal, responsável por colaborar na atualização da terminologia.

Para realizar buscas no TSF, utiliza-se a ferramenta WebThes, que permite a pesquisa no tesouro por meio da internet. Os resultados são apresentados em ordem alfabética e organizados em três categorias, representadas por quadrantes: (A) Termos Autorizados, (B) Termos Não Autorizados e (C) KWOC (Key Word Out of Context – Palavra-chave fora do contexto). Um detalhe interessante sobre esse vocabulário controlado é que os termos não são acentuados, com exceção das letras "Ã" e "Õ".

No WebThes, insere-se um termo e o sistema mostra se ele existe. Caso esteja entre os descritores do tesouro, o sistema recupera o termo e apresenta um link para os materiais que correspondem ao termo pesquisado. A seguir, apresenta-se a interface para busca e, como forma de exemplificação, foi inserido na busca o termo “lésbica”.

³ [Thesaurus do Senado Federal](#)

Figura 6 - Interface do WebThes para a procura dos termos.



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Concluída a etapa de apresentação dos tesauros contemplados na pesquisa, segue-se para a exposição da seleção de termos lésbicos em materiais especializados e representativos da comunidade.

5.3 Seleção de termos lésbicos

O projeto audiovisual Lesbocine⁴, fundado em 2020 por um grupo de mulheres lésbicas e bissexuais, tem por objetivo não só a divulgação, mas também gerar discussões sobre conteúdos sáfcos entre amantes do audiovisual e da literatura, sempre com o enfoque na representatividade e inclusão no cinema, na televisão e na literatura (Lesbocine, 2025). Em uma das publicações feitas na coluna denominada “Curiosidades”, é apresentado um artigo intitulado “As lésbicas e seu dicionário: um guia prático de gírias usadas no brejo”. No dissertar, a autora apresenta um guia básico com gírias do brejo, seus conceitos e um exemplo de como e/ou onde utilizá-las.

A seguir, apresenta-se o quadro com os termos extraídos do texto publicado na coluna “Curiosidades”. A extração dos termos deste artigo específico se deu por serem termos utilizados com veracidade pela própria comunidade lésbica, ou pelo menos em sua grande maioria, já que os termos podem variar entre gerações diferentes, regiões do país e meios sociais onde

⁴ <https://lesbocine.com/>

essas mulheres estão inseridas. Durante a extração, foram reunidas tanto gírias quanto palavras de uso isolado ou frequente. É importante salientar que a escolha dos termos se baseou pela proximidade com as vivências e relações de mulheres lésbicas, motivo pelo qual expressões mais abrangentes foram excluídas.

Quadro 1: Termos extraídos do site Lesbocine e seus conceitos

NÚMERO	TERMOS	CONCEITO
1	Sapa	Usado para se referir a mulher Lésbica e significa “sapatão” como se fosse um feminino de “sapo” que remete a “perereca” fêmea do sapo e que em alguns locais do Brasil também é usado para se referir a vagina (Lesbocine, 2022).
2	Rebuceteio	A ciranda típica do mundo lésbico, fulana que já ficou com ciclana que já namorou beltrana (Lesbocine, 2022).
3	Brejo	Definição dada a um grupo de lésbicas ou local com grande concentração de mulheres lésbicas (Lesbocine, 2022).
4	Lésbica	Mulher que se relaciona com outra mulher.
5	Lésbicas	Um grupo de mulheres que se relacionam com outras mulheres.
6	Lesbocine	É o nome do site, mas o termo pode ser utilizado para se referir a filmes com conteúdos lésbicos.
7	Sapatão	Comumente utilizado para se referir a mulheres consideradas mais “masculinas”, porém atualmente o termo foi ressignificado entre a própria comunidade lésbica e entre a comunidade LGBTQIAPN+ substituindo o termo lésbico.
8	Sapateen	Usado entre as sapa mais velhas para falar de alguma mulher lésbica que é nova, geralmente adolescentes (Lesbocine, 2022).
9	Fancha	Lésbicas que tem aparência e atitudes mais masculinas, semelhante a “caminhoneira” (Lesbocine, 2022).

10	Girina	Usado entre as sapas mais velhas para falar de alguma mulher que acabara de se descobrir lésbicas, ou lésbicas bem mais nova (Lesbocine, 2022).
11	Colar velcro	Usado para se referir ao ato sexual entre mulheres, mais especificamente posições sexuais, onde as vaginas se esfregam fazendo a alusão de que os pelos pubianos grudam como velcros (Lesbocine, 2022).
12	Cheiro de couro	Significa sentir a presença de lésbicas por perto, isso porque antigamente era comum que mulheres lésbicas usassem botas de couro que detém um cheiro específico. (Lesbocine, 2022). Pode ser usado também para se referir a quando duas mulheres se sentem atraídas.
13	Butina	Lésbica do interior (Lesbocine, 2022)
14	Chá de Buceta	Quando uma lésbica se apaixona pela companheira através do ato sexual (Lesbocine, 2022), mas também quando o ato sexual foi agradável para a pessoa, não necessariamente quando há paixão.
15	Pirulita	A mulher bissexual (Lesbocine, 2022).
16	Entendida	Lésbica (Lesbocine, 2022).
17	Sapa-alfa	Definição dada às lésbicas que se relacionam apenas com mulheres bonitas (Lesbocine, 2022).
18	Melissinha	Lésbica mais nova (Lesbocine, 2022).
19	Embucetada	Apaixonada ou extremamente irritada (Lesbocine, 2022).
20	Caminhoneira	Lésbica de visual e conduta totalmente masculina (Lesbocine, 2022).
21	Sequilho	Definição dada a um amigo homossexual; companheiro gay masculino (Lesbocine, 2022).
22	Sáfica	Termo que corresponde às relações sexuais ou românticas entre mulheres e pessoas que se identificam com o gênero feminino, incluindo pessoas bissexuais e não-binárias.
23	Visibilidade lésbica	Diz respeito à visibilidade das ações lésbicas
24	Orgulho lésbico	Se refere ao Dia do Orgulho Lésbico, comemorado no dia 19 de Agosto.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Como segunda fonte de extração, com relação direta às mulheres lésbicas e suas relações sexuais ou românticas, analisou-se o relatório apresentado pelo Grupo de Trabalho “Agenda de Enfrentamento à Lesbofobia e ao Lesbo-ódio”, instituído pela Portaria nº 374, de 28 de junho de 2023, do Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania da República Federativa do Brasil.

A escolha deste relatório se deu a partir da verificação de que o conteúdo está totalmente direcionado à comunidade lésbica, tendo como objetivo apresentar dados referentes às demandas de lésbicas para as políticas públicas das seguintes áreas: Saúde; Educação; Justiça e Segurança Pública; Assistência Social e Cultura. A extração dos termos se deu a partir da leitura do texto, excluindo termos que já existem na extração anterior e favorecendo, então, termos diferentes para maior completude no resultado final das extrações.

Quadro 2: Termos extraídos do Relatório da agenda de enfrentamento à lesbofobia e ao lesbo-ódio

NÚMERO	TERMO
1	Lesbofobia
2	Lesbocídio
3	Lesbo-ódio
4	LesboCenso
5	Lesbofeminismo
6	Lesbianidades
7	Famílias lesboafetivas
8	Violência lesbofóbica
9	Maternidade lésbica

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

O Quadro 3, a seguir, mostrará termos diferentes dos já expostos nos Quadros 1 e 2. Portanto, a seguir apresenta-se os termos retirados da seção que contempla a revisão de literatura sobre a comunidade LGBTQIAPN+ e sobre a temática lesbianidade.

Quadro 3: Termos extraídos do referencial teórico da pesquisa

NÚMERO	TERMO	AUTORIA
1	Continuumm lésbico	RICH 2010
2	Existência lésbica	RICH 2010
3	Ilha de Lesbos	MARK 2021
4	Lesbianidade	DELFIM 2018 RICH, 2010; BATISTA, 2020
5	Lesbianismo	RICH 2010
6	Maria-macho	FERREIRA 2023
7	Mulher bissexual	LESBOCINE, 2022
8	Mulher-homem	FERREIRA 2023
9	Relacionamento lésbico	FERREIRA 2023
10	Relacionamento sáfico	FERREIRA 2023
11	Sáfico	BELGE, 2017; INABA, 2019
12	Sáficas	BELGE, 2017; INABA, 2019

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A partir dos quadros expostos, conclui-se a exposição dos procedimentos metodológicos e a extração dos principais termos para a apresentação dos resultados, acompanhados das respectivas análises e reflexões.

6. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção, apresenta-se a extração dos termos lésbicos dos tesauros brasileiros selecionados em uma verificação da presença e ausência dos termos escolhidos para análise nos vocabulários controlados supracitados, organizou-se os termos das extrações por categorias de identificação dos termos e em momento posterior, apresenta-se uma lista de termos sugeridos para uso em tesauros. Além de sugestões de aperfeiçoamentos complementares, como diretrizes a serem seguidas e iniciativas internacionais atuais que se dedicam aos aspectos LGBTQIAP+.

6.1 Existência e ausência dos termos

Dentre os termos extraídos e apresentados nos 3 quadros anteriores (vide seção 5.3), foi possível compilar um total de 45 termos que foram utilizados para verificar a presença ou ausência desses vocábulos nos tesauros brasileiros selecionados para análise. Essa verificação permitiu avaliar o grau de representatividade e abrangência dos conceitos relacionados à comunidade lésbica nos instrumentos pesquisados, contribuindo para identificar lacunas e possibilidades de aprimoramento nos vocabulários controlados.

Quadro 4: Ausência *versus* Presença de termos preconceituosos sobre mulheres lésbicas em tesauros brasileiros

NÚMERO	TERMOS	Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero	Tesouro DeCS.	Tesouro UNESP	Thesaurus do Senado Federal (TSF)
1	Brejo				
2	Butina				
3	Caminhoneira				
4	Chá de Buceta				

5	Cheiro de couro				
6	Colar velcro				

7	Continuumm lésbico				
8	Embucetada				
9	Entendida				
10	Existência lésbica				
11	Famílias lesboafetivas				
12	Fancha				
13	Girina				
14	Ilha de Lesbos				
15	Lesbianidade				
16	Lesbianidades				
17	Lesbianismo				
18	Lésbica				
19	Lésbicas				
20	Lesbocídio				
21	Lesbocine				
22	Lesbofeminismo				
23	Lesbofobia				
24	Lesbo-ódio				
25	LesboCenso				
26	Maria-macho				
27	Maternidade lésbica				

28	Melissinha				
29	Mulher bissexual				
30	Mulher-homem				
31	Orgulho lésbico				
32	Pirulita				
33	Rebuceteio				
34	Relacionamento				

	lésbico				
35	Relacionamento sáfico				
36	Sáfica				
37	Sáficas				
38	Sáfico				
39	Sapa				
40	Sapa-alfa				
41	Sapatão				
42	Sapateen				
43	Sequilho				
44	Visibilidade lésbica				
45	Violência lesbofóbica				

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A primeira análise de presença e ausência se deu a partir do Tesauro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero, para isso foi realizado o *download* do tesauro em PDF, já que não possui grande quantidade de termos, em seguida procurou-se cada um dos termos a partir do atalho

SHIFT+F3 do próprio computador, onde é possível realizar buscas em documentos com o formato PDF de maneira mais rápida e eficaz, pois, esta função mostra exatamente onde aparece os termos.

A partir disso, analisou-se se o termo estava em posição de termo preferido ou termo relacionado, encontrou-se, então, apenas três dos quarenta e cinco termos. Já para os demais tesouros foram realizadas buscas por termo de modo individual e na recuperação analisou-se também se o termo era preferido ou não.

6.2 Discussões e proposta para atualização de tesouros brasileiros

Com base na coleta dos dados, é possível evidenciar que a maior parte dos termos não consta nos tesouros; as gírias poderiam não ser contempladas, porém termos como *lesbianidade* ou *lesbofobia* deveriam estar presentes ao menos em três deles. Os tesouros devem incluir novos descritores que reflitam a cultura, identidade, segurança e militância das mulheres lésbicas. Visto isso, a seguir discorre-se sobre a coleta e análise dos dados apresentada anteriormente.

Primeiramente, destaca-se que o termo *lesbianismo* aparece de forma quase unânime entre os tesouros, embora sua utilização já tenha sido problematizada, uma vez que o sufixo “-ismo” remete, historicamente, à designação de patologias, razão pela qual se defende seu desuso. No Thesaurus do Senado Federal, o termo *lesbianismo* só é encontrado quando se busca o termo na barra de busca por materiais, pois ele mostra os materiais que no corpo textual possuem o termo.

Cabe ressaltar a urgência de atualização desses instrumentos para que realmente se enquadrem às mudanças da contemporaneidade, tanto em meio científico quanto profissional, como nas áreas da saúde, nas mudanças advindas de movimentos sociais ou termos utilizados apenas entre as mulheres lésbicas, como as gírias. Porém, sabe-se que termos como “pirulita” não teriam necessidade de inserção em determinados tesouros, como o DeCS, que é um tesouro que direciona seu domínio para termos

clínicos e de forma formal; todavia, para o Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero, seria um termo possivelmente obrigatório a ser inserido.

O termo *brejo* foi encontrado apenas no tesouro DeCS, porém não vinculado à representação de mulheres lésbicas, mas sim como termo alternativo para outros termos, e em sua maioria em termos compostos. Exemplos de termos alternativos para descritores preferidos: no descritor “Amomum”, *brejo* aparece como “cana-do- brejo”; “Sagittaria” apresenta como termos alternativos “chá-do-brejo”, “congonha-do- brejo” e “erva-do-brejo”; o descritor “áreas alagadas” apresenta dois termos alternativos sem composição, sendo apresentados por “brejo” e “brejos”. Outro termo encontrado apenas em um tesouro é o termo *lesbianidade*, encontrado no Tesouro Unesp, onde é possível encontrá-lo como termo não preferido para o descritor “homossexualidade feminina”.

O termo *lesbianismo* no Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero... O Tesouro UNESP apresenta o termo *lesbianismo* como termo não preferido de “homossexualidade feminina” e também como “lesbianismo na literatura”, sendo termo não preferido de “homossexualidade feminina na literatura”. Já no Tesouro DeCS, também é apresentado como termo alternativo de “homossexualidade feminina”.

No Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero, o termo *lésbica* aparece como termo preferido e relacionado ao termo “gay”, ao termo “lesbianismo”, depois como relacionado ao termo “lesbofobia” e ao termo “homossexualidade”. Tanto o termo *lésbica* quanto o termo *lésbicas* no Tesouro DeCS são encontrados como termos alternativos de “Minorias Sexuais e de Gênero”.

Já o termo no plural, *lésbicas*, no Tesouro UNESP aparece como termo autorizado, ou seja, preferido. No Thesaurus do Senado Federal, o termo *lésbicas* aparece sem o acento e junto com a sigla “LESBICAS, GAYS, TRAVESTIS, TRANSSEXUAIS E TRANSGÊNEROS (LGBT)”.

Lesbofobia só foi possível recuperar no Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero, onde é apresentado primeiramente como

termo relacionado ao termo “falocentrismo”, depois se relaciona com o termo “homofobia”, também com os termos “lesbianismo” e “lésbica”. Depois é apresentado como um termo preferido e, por fim, se torna termo específico (TE) de “sexismo”.

Dentre eles, é possível detectar termos populares entre a comunidade lésbica, como *sapatão*, resignificado com o tempo, ou também gírias; termos voltados à representação a partir da sociedade por um todo, como *orientação sexual*, que representa a sexualidade dessas mulheres; termos que indicam violência contra sua identidade, seu relacionamento, relação familiar ou histórica.

A partir da busca e recuperação dos termos selecionados em cada um dos tesouros brasileiros, é possível detectar que a maioria apresenta o termo *lesbianismo* como um termo não preferido para uso. Entretanto, cabe ressaltar que o único tesouro que apresentou o termo fora de relações foi o Tesouro sobre Orientação Sexual e Identidade de Gênero. À vista disso, é de extrema importância que o presente tesouro reveja seus termos e suas relações a fim de melhorar a representação da comunidade estudada. O destaque vai para o Tesouro Unesp, que não apresentou o termo *lesbianismo* como preferido e ainda apresenta diversos termos relacionados a lésbicas, tanto em português quanto em inglês, servindo como um possível instrumento a ser utilizado para estudos futuros de maneira aprofundada.

Vale sinalizar, que o fato de o Tesouro DeCS colocar como termo principal “Minorias Sexuais e de Gênero” e todos os termos relacionados à comunidade LGBTQIAPN+ como suas relações pode interferir na representatividade de grupos específicos pertencentes à sigla, por exemplo, pessoas transsexuais e os procedimentos de saúde, como a utilização de hormônios. Um pesquisador pode procurar por termos relacionados a determinado grupo e não encontrar termos que os representem para utilização em seu estudo. Sobre o Thesaurus do Senado Federal, seria imprescindível que, ao menos, abarcasse em seus termos ou relacionamentos o termo “Lesbocídio”, visto ser um termo que pode ser primordial para estudos voltados à área de direito, por exemplo.

A seguir, apresenta-se um exemplo com seis categorias que demonstram o que foi dito anteriormente, a partir dos termos presentes no quadro da subseção 6.1, tendo em vista a exclusão do termo lesbianismo ou termos que já caíram em desuso.

Quadro 5 : Termos/ Categorias terminológicas

CATEGORIAS	TERMOS/ COMPOSIÇÕES TERMINOLÓGICAS
História e cultura	Ilha de Lesbos e lesbocine;
Orientação sexual	Lesbianidade, lésbica, lésbicas, sáfica e sáficas;
Militância	Lesbofeminismo, visibilidade lésbica, orgulho lésbico e existência lésbica;
Violência	Lesbocídio, violência lesbofóbica, lesbo-ódio e lesbofobia;
Afetividade lésbica	Famílias lesboafetivas, maternidade lésbica, relacionamento lésbico e relacionamento sáfico.
Gírias	Brejo, butina, chá de buceta, cheiro de couro, colar, velcro, caminhoneira, fancha, embucetada, sapa, sapatão, sapateen, girina, melissinha, pirulita, rebuceteio e entendida.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Visando as categorias acima e a sistematização de termos para atualizações dos tesouros analisados neste estudo, apresenta-se a seguir uma lista com proposta

de termos para atualização ou que podem ser utilizados para inserção nesses tesouros, seja como termos preferidos ou para compor os relacionamentos. Será exposto uma coluna com os termos e uma coluna de como esse termo poderia aparecer em um tesouro, serão considerados as seguintes separações os termos: “termo preferido” ou “termo associativo”, ficando a escolha do tesouro pela utilização ou não. Considera-se trabalhos futuros para aperfeiçoamentos e novas descobertas para melhorias e direcionamentos.

Esses termos podem ser utilizados por tesouros especializados no presente domínio ou não. Além dos termos presentes nas categorias acima, foram selecionados termos encontrados durante a busca dos termos escolhidos para o estudo nos tesouros. Quando o termo contém apenas um símbolo de asterisco (*), significa que foi encontrado durante a coleta dos dados.

Quadro 6: Recomendações terminológicas lésbicas para tesouros

TERMO	RELAÇÕES ENTRE OS TERMOS?
Militância lésbica*	Termo preferido
Espaços lésbicos*	Termo associativo
Homossexualidade feminina*	Termo associativo
Ilha de Lesbos	Termo associativo
Desfem**	Termo associativo
Lesbocine	Termo associativo
Lesbianidade	Termo preferido

Lésbica	Termo preferido
Lésbicas	Termo associativo
Existência lésbica	Termo associativo
Famílias lesboafetivas	Termo associativo
Lésbocídio	Termo associativo
Lesbofeminismo	Termo associativo
Lesbofobia	Termo preferido
Lesbo-ódio	Termo associativo
Maternidade lésbica	Termo associativo
Orgulho Lésbico	Termo associativo
Relacionamento lésbico	Termo preferido

Relacionamentos sáficos	Termo associativo
Sáfica ou sáfico	Termos associativos
Visibilidade lésbica	Termo associativo
Violência lesbofóbica	Termo preferido

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Atualizar os tesauros com termos ligados à cultura lésbica contemporânea, a fim de retirar termos que não contemplam mais a representação devida dessa comunidade, como o termo *lesbianismo*, é de extrema importância, assim como realizar atualizações ao menos a cada dois anos. Sabe-se que os tesauros são instrumentos para a ORC que dependem da colaboração de profissionais de diversas áreas, como bibliotecários, profissionais da computação e linguistas. A partir disso, é possível refletir sobre a importância de que os profissionais dedicados à criação ou atualização desses termos consultem especialistas em estudos de gênero, sexualidade e movimentos LGBTQIAPN+, tendo em vista que esses podem contribuir com novos termos ou atualizações conceituais para compor notas de escopo.

Outro ponto relevante a ser considerado é a inserção de notas de escopo para aqueles termos em desuso, mas que constituem o corpo do tesouro, como forma de demonstrar que aquele termo é importante, todavia não deve ser utilizado, por exemplo, preferir o uso de *lesbianidade* em vez de *lesbianismo*. Entretanto, esse termo pode estar relacionado à *lesbianidade* como forma de indicar que, para *lesbianismo*, agora se usa *lesbianidade*, e por isso a nota de escopo explicando o motivo é tão

importante. O mesmo vale para termos de cunho mais coloquial ou considerados impróprios para serem utilizados como termo preferido.

Os tesouros também podem fornecer um espaço onde o usuário possa interagir e recomendar termos a serem incluídos, principalmente nos tesouros especializados no domínio LGBTQIAP+. Essas recomendações podem vir a partir de um chatbot, que realizará a interação e a triagem dos termos de forma automática, para que posteriormente os profissionais realizem apenas a filtragem dos termos. Porém, essa alternativa, apesar de facilitadora, pode gerar custos altos para a instituição. Outra opção é o preenchimento de um questionário aberto, cujo link fique disponível para acesso livre dos usuários que queiram contribuir. Um modo acessível financeiramente para a instituição é o uso do Google Forms, por exemplo.

6.3 Exemplo de iniciativas internacionais

Nesta subseção são apresentadas iniciativas internacionais que podem contribuir para pesquisas futuras e servir de incentivo para que tesouros brasileiros se dediquem com mais afinco à representação da comunidade LGBTQIAPN+, tendo em vista a necessidade de uma representação com maior visibilidade e ética, para que o acesso à informação se dê de forma justa.

Relativo a instrumentos internacionais que se direcionam especificamente à comunidade LGBTQIAPN+, apresenta-se o **The Homosaurus**, um vocabulário internacional de dados vinculados, ou seja, baseado em linked data, que reúne termos relacionados exclusivamente à comunidade LGBTQ+, servindo como complemento a vocabulários amplos, como os *Library of Congress Subject Headings*

(LCSH). Seu objetivo é fornecer uma terminologia padronizada e inclusiva para descrever conceitos LGBTQIA+, facilitando a pesquisa e o acesso a informações relevantes (Homosaurus, 2025; IHLIA LGBT Heritage, 2025).

Inicialmente criado em 1997 pela IHLIA LGBT Heritage, na Holanda, como um tesouro bilíngue (holandês e inglês) para descrever coleções gays e lésbicas, o projeto evoluiu ao longo dos anos para abranger uma gama mais ampla de identidades e experiências LGBTQ+. Em 2013, Jack van der Wel e Ellen Greenblatt reformularam o vocabulário, tornando-o mais inclusivo e hierárquico, adicionando centenas de termos e estabelecendo relações entre eles. Em 2015, o Digital Transgender Archive (DTA) adotou o Homosaurus, e seu diretor, K.J. Rawson, colaborou com van der Wel para transformá-lo em um vocabulário online de dados vinculados, aumentando significativamente sua acessibilidade (Homosaurus, 2025; IHLIA LGBT Heritage, 2025).

Atualmente, o Homosaurus é mantido pelo Digital Transgender Archive e está disponível sob uma licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 International (CC BY-NC-ND 4.0). O vocabulário é atualizado regularmente, com a participação de um Conselho Editorial composto por especialistas em metadados e estudos LGBTQ+. Além disso, a comunidade é incentivada a contribuir com sugestões e feedbacks, promovendo um desenvolvimento colaborativo e contínuo do vocabulário (Homosaurus, 2025; IHLIA LGBT Heritage, 2025).

A primeira reunião do Conselho Editorial do Homosaurus aconteceu em agosto de 2016, com seis dos sete membros originais participando remotamente. O grupo decidiu criar uma versão mais focada do vocabulário, que incluiria apenas termos específicos para as comunidades LGBTQI, eliminando os termos não relacionados ou muito gerais. Isso resultaria em um tesouro mais adequado para bibliotecas, arquivos e coleções digitais, promovendo uma indexação mais precisa de recursos LGBTQI. Durante as reuniões, discutiram o uso atual do Homosaurus, especialmente pelo IHLIA e pelo Arquivo Digital Transgênero, e refletiram sobre como diferentes identidades de gênero e orientações sexuais são apresentadas e reconhecidas (IHLIA LGBT Heritage, 2025).

Em 2017, o Conselho Editorial iniciou a revisão dos termos, focando em tópicos como religião, etnia, drogas, doenças sexualmente transmissíveis e práticas sexuais, além de termos relacionados a identidade, relacionamentos e família. Decidiram excluir termos gerais de religião e etnia, mas manter aqueles específicos para a comunidade LGBTQ, como "pessoas de dois espíritos". Além disso, adicionaram novos termos relacionados a transgêneros e gírias usadas na comunidade, como "poppers". Durante esse processo, o grupo também discutiu como usar o termo "gay" e decidiu utilizar "LGBTQ" como termo genérico, com termos específicos para diferentes orientações sexuais e identidades de gênero (IHLIA LGBT Heritage, 2025).

Até 2019, o Conselho Editorial concluiu uma versão online do Homosaurus, que foi lançada como vocabulário de dados vinculados. Durante esse período, o grupo continuou revisando termos e expandindo o vocabulário com novos conceitos, como identidade butch/femme, discriminação e questões sobre sexos e práticas sexuais. A partir de maio de 2019, o Homosaurus foi disponibilizado para o público, com a meta de aumentar seu uso e visibilidade (IHLIA LGBT Heritage, 2025).

O Homosaurus, em sua versão V4, organiza conceitos relacionados à sexualidade e identidade de gênero e apresenta as seguintes características principais:

- A) Organização principal:** a hierarquia;
- B) Relações e definições:** cada termo tem agregado uma definição, e os termos podem ser relacionados uns aos outros de várias formas, como por hierarquia, sinônimos ou conceitos relacionados, facilitando tanto para pesquisadores quanto para organizações sociais, ou instituições de informação que queiram utilizar como bibliotecas;
- C) Download:** o vocabulário está disponível em diversos formatos, incluindo *N-Triples*, *JSON-LD*, *TTL* e *XML*, facilitando sua interoperabilidade;
- D) Visualizações:** oferece visualizações gráficas, como *Tree View* (vista da árvore) e *Indented Bars View* (Exibição de barras identificadas);

- E) Idioma:** além do inglês, o Homosaurus está disponível em espanhol, francês, sueco, hindi e bengali;
- F) Categorias principais:** o vocabulário é organizado em categorias que cobrem diferentes aspectos das questões LGBTQIA+. Exemplos de categorias incluem: Orientação Sexual, Identidade de Gênero, Expressão de Gênero, Relacionamentos e Família, e Questões Sociais e Direitos;
- G) Termos Específicos:** dentro dessas categorias, inclui-se termos mais específicos. Por exemplo, dentro de **Orientação Sexual**, podem aparecer termos como "Pansexualidade" e "Asexualidade";
- H) Evolução e Atualização:** com a constante evolução das questões sociais e culturais da sociedade, o Homosaurus é constantemente atualizado a fim de apresentar as mudanças na linguagem, novas descobertas e diferentes experiências das comunidades LGBTQIAP+.

Figura 7- Interface do “The Homsaurus”

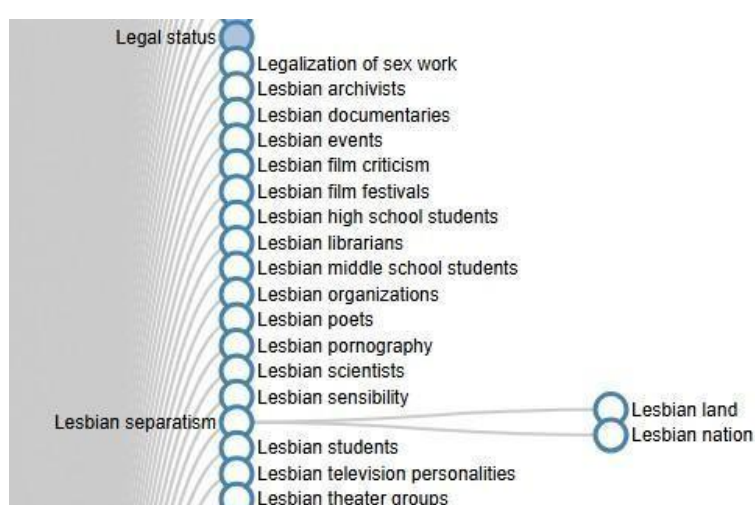


Fonte: Dados da pesquisa (2025).

A seguir, mostra-se um exemplo de como o termo lésbica aparece no vocabulário homosaurus, bem como a visualização do termo a partir do modo

de exposição que o tesouro expõe para os usuários. A instituição chama tal forma de expor de *TreeView Homosaurus*, sendo uma interface gráfica em formato de árvore para que a exposição hierárquica seja apresentada aos usuários. Ainda, é possível que os ramos das árvores se expandam para visualizar-se outras relações, dessa forma a facilitar a navegação dos usuários pelo vocabulário controlado

Figura 8 - Exemplo de visualização do termo lésbica via TreeView Homosaurus



Fonte: Dados da pesquisa (2025).

Agora, pensando em educação contínua, encontrou-se o **The Baker Center for Children and Families**, que oferece recursos para crianças e jovens LGBTQ+ e suas famílias. A partir desses recursos, o centro tem o intuito de promover o bem-estar mental, emocional e social dessa comunidade, reconhecendo as adversidades específicas que ela enfrenta. Cabe ressaltar que, embora um dos seus focos seja a comunidade LGBTQ+, o centro reconhece também a necessidade de amparo para jovens e crianças que não pertençam à comunidade, mas que necessitem de apoio mental.

Trata-se de uma instituição sem fins lucrativos localizada em Boston, EUA, que se aperfeiçoa continuamente na promoção da saúde mental, com foco em pesquisa, intervenção, treinamento e defesa de políticas públicas, visando oferecer cuidados baseados em evidências. A instituição parte do

princípio de que comunidades LGBTQ+ saudáveis começam com suas famílias saudáveis e informadas sobre a causa.

O Baker Center compromete-se a oferecer um ambiente seguro e acolhedor para todas as crianças e famílias, reconhecendo e valorizando suas diversas origens, experiências e identidades. A organização busca fornecer cuidados culturalmente informados e criar um espaço onde todos se sintam vistos, ouvidos e valorizados.

Dessa forma, a instituição oferece seminários educacionais para profissionais e familiares, publicações em blogs, artigos acadêmicos e recursos específicos para jovens LGBTQ+, abordando questões como identidade de gênero, aceitação e saúde mental, sempre com conteúdos atualizados tanto informacionais quanto terminológicos sobre a comunidade.

A partir do Baker Center, é possível destacar o **Centro de Excelência em Equidade em Saúde Comportamental LGBTQ+ (CoE LGBTQ+ BHE)**, financiado pela Administração de Serviços de Abuso de Substâncias e Saúde Mental (SAMHSA) dos Estados Unidos. Esse centro desenvolveu materiais de orientação com o objetivo de fomentar práticas inclusivas no atendimento em saúde mental e no tratamento de transtornos relacionados ao uso de substâncias. A gestão do Centro decorre da parceria entre a Escola de Serviço Social da Universidade de Connecticut e o The Baker Center for Children & Families, reunindo uma equipe formada por especialistas clínicos, pessoas com experiência vivida e líderes de organizações prestadoras de serviços.

O Centro disponibiliza assistência técnica, capacitação profissional e materiais atualizados, com o intuito de apoiar a implementação de práticas baseadas em evidências científicas, orientadas para a redução das desigualdades que atingem populações vulneráveis. Além disso, promove atividades de formação, como webinars e painéis de discussão, disponibilizando conteúdos educativos e gravações aos profissionais interessados. Dessa maneira, reafirma seu compromisso institucional com a disseminação do conhecimento e o fortalecimento das práticas em saúde comportamental, pautadas pelo reconhecimento e valorização da diversidade humana.

Entre essas iniciativas, destaca-se a produção de um guia de linguagem destinado a profissionais da saúde, que aborda terminologias contemporâneas relativas à orientação sexual, identidade de gênero e expressão de gênero (SOGIE). O guia reconhece que a linguagem utilizada pelas comunidades LGBTQ+ é dinâmica e está em constante evolução. Ressalta-se, ainda, que a prática mais ética e respeitosa consiste em adotar a terminologia com a qual cada indivíduo se identifica, promovendo assim um ambiente de cuidado acolhedor e seguro.

Neste guia, apresenta-se um quadro contendo as seguintes informações: 1) Linguagem Atualizada; 2) Linguagem Desatualizada; e 3) Por que isso é importante.

A seguir, será apresentada uma imagem com exemplo e sua tradução.

Figura 9 - Exemplo guia de linguagem do CoE LGBTQ+ BHE

Updated Language	Outdated Language	Why It Matters
Transgender man or trans man, transgender woman or trans woman, transgender boy or trans boy, transgender girl or trans girl	Transgender male or transgender female	When asking questions about gender, use "man," "boy," and "woman" or "girl" over "male" and "female" because male and female are typically used to describe sex assigned at birth.

Fonte: Dados da pesquisa (2025).

É possível observar como o guia tem a intenção de proporcionar ao leitor conhecimento de maneira rápida e de fácil compreensão. A tradução fica da seguinte maneira:

- a. **Linguagem Atualizada:** Homem transgênero ou homem trans, mulher transgênero ou mulher trans, menino transgênero ou menino trans, menina transgênero ou menina trans.
- b. **Linguagem Desatualizada:** Masculino transgênero ou feminino transgênero.
- c. **Por que isso é importante:** Ao fazer perguntas sobre gênero, prefira usar "homem", "menino", "mulher" ou "menina" em vez de "masculino" e "feminino", pois estes últimos são geralmente usados para descrever o sexo atribuído no nascimento.

Figura 10 - Iniciativas *queer* internacionais

Iniciativa	Tipo de sistema	Unidade de informação associada	Instituição vinculada	Local	Forma de identificação
Sexual Nomenclature: A Thesaurus (1976).	Tesouro	Biblioteca especializada	Kinsey Institute da Indiana University	Estados Unidos	Zhou (2003); Drucker (2017)
Gay studies thesaurus (1983, 1990)	Tesouro	-	-	Estados Unidos	Johnson (2010)
LGBT Life.	Tesouro	-	EBSCO Information Services	Estados Unidos	Johnson (2010)
Homosaurus (1997, 2013, 2016)	Tesouro	-	IHLIA LGBT Heritage e Digital Transgender Archive	Estados Unidos e Holanda	Hardesty e Nolan (2021)
Subject headings Project da Out on the Shelves (2018)	Cabeçalhos de assunto	Biblioteca independente	Out on the Shelves	Canadá	Bullard, Dierking e Grundner (2020).

Fonte: Silva (2023).

A partir da revisão sistemática realizada em seu estudo mais recente, Silva (2023, p. 122) apresenta um quadro contendo cinco iniciativas de elaboração e manutenção de cabeçalhos de assuntos e tesouros voltados à comunidade LGBTQIAPN+. Tais iniciativas compreendem a preocupação de realizar atualizações frequentes, a fim de acompanhar as mudanças sociais e culturais da sociedade. A autora afirma que há a necessidade de um comprometimento ético com a justiça social e a equidade na Organização do Conhecimento para garantir que a comunidade LGBTQIAPN+ seja representada de maneira adequada e inclusiva (Silva, 2023, p. 135).

6.4 Limitações do estudo

Por fim, é pertinente destacar que as limitações do presente estudo decorrem do recorte metodológico adotado, que privilegia exclusivamente tesouros de alcance nacional. Considerando a vasta extensão territorial do Brasil, torna-se imprescindível que investigações futuras sejam direcionadas a contextos regionais, de modo a identificar termos empregados por

diferentes grupos sociais, em consonância com as especificidades culturais locais.

Ademais, ressalta-se a relevância de se produzir conteúdos sobre mulheres lésbicas, sobre homens gays, mas também haver o aumento de pesquisas que ampliem o escopo de análise para contemplar vocabulários oriundos de outras comunidades, como a de homens transexuais e de mulheres trans, dessa forma havendo o aumento de produções que enfatizem a representação terminológica mais inclusiva, plural, com equidade e justiça social sobre a diversidade de gênero e sexualidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, buscou-se compreender como as relações homoafetivas entre mulheres estão representadas nos tesouros brasileiros, analisando a presença, ausência e adequação dos termos relacionados à lesbianidade nesses instrumentos de organização do conhecimento. A pesquisa partiu da ideia de que a falta ou inadequação desses termos não apenas representa uma falha técnica, mas também revela um reflexo direto das desigualdades sociais e dos processos de invisibilização de identidades marginalizadas em tesouros. Para isso, buscou-se examinar a representação das mulheres lésbicas em tesouros brasileiros a partir da presença e ausência de termos selecionados.

O capítulo dois foi direcionado exclusivamente para o alcance do objetivo específico relativo à identificação dos termos relativos às relações homoafetivas entre mulheres, para isso se debruçou-se em literaturas específicas sobre mulheres lésbicas a partir de produções acadêmicas, sites voltados especificamente para mulheres lésbicas, além de receber a manutenção de mulheres lésbicas facilitando a proximidade do tema de pesquisa com a comunidade. A fim de se ter uma representação política e social acerca do tema, trouxe também como forma de literatura, o relatório governamental intitulado “Agenda de Enfrentamento à Lesbofobia e ao Lesbo-ódio”, onde possui o objetivo de direcionar a comunidade para políticas públicas das seguintes áreas: Saúde; Educação; Justiça e Segurança Pública; Assistência Social e Cultura.

Para o cumprimento do segundo objetivo desta pesquisa, sendo o de mapear termos que perpetuam formas de opressão social contra mulheres lésbicas presentes nas relações conceituais de tesouros brasileiros, utilizou-se também do segundo capítulo dessa pesquisa e todo o percurso metodológico seguido posteriormente, onde a partir da extração dos termos, análise da presença e ausência nos vocabulários controlados e a criação de categorias terminológicas que proporcionam uma visão “lúdica” para o leitor compreender onde cada termo poderia ser encaixado para melhor ser representado como um termo preferido ou apenas como uma relação associativa.

A partir disso, foi possível realizar a sistematização de uma lista terminológica que pode ser utilizada por diversos tesouros, mas principalmente os especializados na comunidade LGBTQIAPN+, para que possam se direcionar à uma representação mais equitativa sobre as mulheres lésbicas. Junto com o cumprimento do último objetivo específico, direcionou-se para o leitor ideias para realizar melhorias em tesouros de maneira simples e que propiciem acolhimento equitativo para os usuários que querem encontrar o conhecimento de forma rápida e eficaz, com representatividade correta e sem injustiças sociais.

Os resultados evidenciam a carência de termos que representem adequadamente as mulheres lésbicas e suas relações afetivas e sexuais, além da persistência de termos obsoletos, patologizantes ou pejorativos, como “lesbianismo”. Tal invisibilidade compromete o acesso à informação, a democratização dos ambientes informacionais e a construção de espaços mais equitativos. A partir da análise, foram elaboradas propostas de inclusão de termos como “lesbianidade”, “sáfico”, “relações lesboafetivas” e “visibilidade lésbica”, entre outros, de forma a garantir representações mais alinhadas com os princípios éticos, sociais e culturais contemporâneos.

Com isso, destaca-se a necessidade de atualização terminológica nesses instrumentos, incluindo termos contemporâneos e culturalmente relevantes, que respeitem a diversidade e promovam a inclusão social, cultural e informacional. Além disso, ressalta-se o papel ético e político dos profissionais da informação na revisão e construção desses instrumentos, de modo a garantir maior equidade e democratização do acesso à informação.

Diante desse cenário, a proposta de atualização terminológica apresentada não se limita a uma intervenção técnica, mas se configura como um posicionamento político e ético, que visa colaborar para a redução das desigualdades e para a promoção da inclusão social, cultural e informacional. A adoção de termos adequados é essencial para que os sistemas de organização do conhecimento cumpram sua função social, contribuindo para a democratização do acesso à informação e para a valorização da diversidade.

Portanto, a presente pesquisa reforça a necessidade de que os profissionais da informação atuem com responsabilidade social e sensibilidade ética, considerando as demandas das comunidades marginalizadas. Além disso, evidencia a importância da atualização dos tesouros e demais sistemas de organização do conhecimento, sendo fundamental para assegurar não apenas a representatividade, mas também para fortalecer o compromisso ético dos profissionais da informação com uma sociedade mais justa e plural. A pesquisa, portanto, se apresenta como uma contribuição teórica e prática, servindo de base para futuros estudos e intervenções que visem à inclusão e à justiça social nos processos de organização e representação da informação.

REFERÊNCIAS

ALVES, L. S. S.; TARTAROTTI, R. C. D.; FUJITA, M. S. L. Avaliação do uso de vocabulário controlado em repositórios institucionais.

Informação@Profissões, v. 11, n. 1, p. 52–77, 2022. DOI: 10.5433/2317-4390.2022v11n1p52. Disponível em:

<https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/infoprof/article/view/45158>. Acesso em: 26 abr. 2024.

AMARAL, J. J. F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**. Fortaleza, CE: Universidade Federal do Ceará, 2007.

AMERICAN NATIONAL STANDARDS INSTITUTE/ NATIONAL INFORMATION STANDARDS ORGANIZATION. Z39.19-2005. *Guidelines for the construction, format, and management of monolingual controlled vocabularies*. Bethesda, Maryland: **NISO Press**, 2005.

BARITÉ, M. **Organización del conocimiento: un nuevo marco teórico-conceptual en Bibliotecología y Documentación**. 2001, p. 35-60.

BEGHTOL, C. A proposed ethical warrant for global knowledge representation and organization systems. **Journal of Documentation**, London, v. 58, n. 5, p. 507-532, 2002.

CAPURRO, R. Epistemologia e ciência da informação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB, 4., 2003, Salvador. **Anais [...]**. Salvador, 2003.

CAMPOS, M. L. A.; GOMES, H. E. Taxonomia e classificação: a categorização como princípio. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 8., 2007, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2007. p. 1-14.

COELHO, F. **17 de maio: Dia Internacional de Enfrentamento à LGBTfobia**, 2020. Disponível em:

<http://ces.saude.mg.gov.br/?p=7850#:~:text=Isso%2C%20porque%20em%201948%20a,n%C3%A3o%20corroboraram%20esta%20tese%2C%20eventualmente>. Acesso em: 20 out. 2024.

COUTINHO, I. F.; SANTOS, R. F. Aspectos éticos, linguísticos e culturais na organização e representação da informação e do conhecimento.

Logeion: Filosofia da Informação, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 1-20, jan./jun. 2024. DOI:

<https://doi.org/10.21728/logcion.2024v10n2e-7055>.

DELFIN, J. Courbet sem Courbet: a contestação do padrão heteronormativo. *In*: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 13., 2018, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2018. p. 497-504.

DIEHL, A. A.; TATIM, D. C. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FERNANDEZ-MOLINA, J. C.; GUIMARÃES, J. A. C. Ethical aspects of knowledge organization and representation in the digital environment: their articulation in professional codes of ethics. *In*: LÓPEZ HUERTAS, M. M. (Ed.). *Challenges in knowledge representation and organization for the twenty first century: integration of knowledge across boundaries*. Würzburg: ERGON-Verlag, 2002.

FUJITA, M. S. Política de indexação para bibliotecas: funções e finalidades. *In*: FUJITA, M. S. L., org. **Política de indexação para bibliotecas: elaboração, avaliação e implantação [online]**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016. p. 15-19. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/dbdj8/pdf/fujita-9788579838170-03.pdf>.

FUJITA, M. S. L.; CRUZ, M. C. A.; PATRÍCIO, B. O. M. A construção de tesouros na perspectiva de manuais de indexação. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais [...]**. Marília: Universidade Estadual Paulista, 2017. p. 2-26.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2008.

GUIMARÃES, J. A. C. A dimensão teórica do tratamento temático da informação e suas interlocuções com o universo científico da International Society for Knowledge Organization (ISKO). **Revista Ibero-americana de Ciência da Informação**, n. 1, p. 77- 99, 2008.

HARPRING, P. **Introdução aos vocabulários controlados: terminologia para arte, arquitetura e outras obras culturais**. São Paulo: Secretaria da Cultura do Estado de São Paulo, Pinacoteca de São Paulo, ACAM Portinari, 2016.

KAUTZ, P. C. S. A. Homossexualidade feminina. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 9, n. 2, p. 160-167, 1998.

KOBASHI, N. Y. **Vocabulário controlado: estrutura e utilização**. ENAP, p. 1-4, 2008.

KUMPERA, J. A. M. **“O lesbianismo é um barato”: o GALF e o ativismo lésbico- feminista no Brasil (1979-1990)**. 2021. Dissertação (Mestrado em História Cultural) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2021.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos: teoria e prática**. 2. ed. Brasília: Brinquet de Lemos/Livros, 2004.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MARK, J. J. **Mulheres espartanas**. *World History Encyclopedia*. Disponível em: <https://www.worldhistory.org/trans/pt/2-123/mulheres-espartanas/>. Acesso em: 06 out. 2024.

MILANI, S. O. **Estudos éticos em representação do conhecimento: uma análise da questão feminina em linguagens documentais brasileiras**. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista, Marília, 2010.

MILANI, S. O.; GUIMARÃES, J. A. C. Problemas éticos em representação do conhecimento: uma abordagem teórica. *DataGramaZero: Revista de Ciência da Informação*, v. 12, n. 1, fev. 2011. Disponível em: <https://cip.brapi.inf.br/download/45615>. Acesso em: 15 out. 2024.

MOITA, J.; AHLERT, M. Lesbianidade, identidade e Teoria Queer. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, MG, v. 36, n. 1, jan./jun. 2023.

MOREIRA, W.; FUJITA, M. S. L.; DAVANZO, L.; PIOVEZAN, L. B. Organização e representação do conhecimento: uma abordagem interdisciplinar. In: SEMINÁRIO DE ARQUIVOLOGIA E BIBLIOTECONOMIA, 2015, Marília. **Anais [...]**. Marília: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2015.

MOREIRA, W.; SABBAG, D. Diálogos entre as questões socioculturais e os sistemas de organização do conhecimento. **Scire**, v. 28, n. 2, p. 35-43, jul./dez. 2022.

MUNANGA, K. Educação e diversidade cultural. In: Cadernos Penesb: Discussões sobre o negro na contemporaneidade e suas demandas, v. 10, p. 1-200, jan./jun. 2008/2010. Niterói: **Penesb**, 2008.

NUNAN, A. N. S. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Edição do autor, 2015.

OLSON, H. A. **The power to name: locating the limits of subject representation in libraries**. Canadá: Springer-Science+Business Media, B.V., 2002.

PERES, W. S.; SOUZA, L. L. Transfobias, lesbofobias e homofobias invisíveis: problematizações para a Psicologia e a Educação. In: SILVA, M. E. F.; BRADO, T. S. A. M. (ed.). *Direitos humanos, diversidade, gênero e sexualidade: reflexões, diagnósticos e intervenções na pesquisa em educação* [online]. Marília: **Oficina Universitária**; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 233-258.

PINHO, F. A. **Aspectos éticos em representação do conhecimento em temáticas relativas à homossexualidade masculina: uma análise da precisão em linguagens de indexação brasileiras**. 2010. Tese

(Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2010.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas: Estudos Gays, Gêneros e Sexualidades*, n. 5, p. 17-44, 2010.

RODRIGUES, A. I.; VARGAS, A. E. A. Injustiça de gênero e sexualidade LGBTQIA+: a produção de conhecimento à margem na Ciência da Informação na região Sul. *Encontros Bibli*, Florianópolis, v. 28, Dossiê Especial, p. [sem numeração], 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/92370/53057>.

SANTOS, R. F.; NEVES, D. A. B.; SILVA, L. F.; CORTÊS, G. R. A representação colaborativa da informação e a construção de linguagens documentárias sobre diversidade de gêneros: análise das contribuições do dicionário de gêneros - "Só quem sente pode definir". In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. *Anais [...]*. Marília: Universidade Estadual Paulista (UNESP), 2017.

SCHNEIDER, S.; SCHIMITT, C. **O uso do método comparativo nas ciências sociais**. Porto Alegre: UFRGS, 1998.

SCHIELSSL, M.; SHINTAKU, M. Sistemas de Organização do Conhecimento. In: ALVARES, L. (Org.). **Organização da informação e do conhecimento: conceitos, subsídios interdisciplinares e aplicações**. São Paulo: B4 Editores, 2012. Capítulo 2, p. 49-118.

SILVA, F. R. **Listas de cabeçalhos de assunto e tesouros: discussões e iniciativas à luz da justiça social e equidade**. 2023. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023.

SILVEIRA, D. T.; CÓRDOVA, F. P. Unidade 2: A pesquisa científica. In: GERHARDT, T. E.; SILVEIRA, D. T. (Org.). **Métodos de pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009. Unidade 2, p. 31-43.

SOARES, F. M.; MACULAN, B. C. M. S.; OLIVEIRA, L. H. M. Criação de vocabulários controlados com sistemas especializados: estudo de caso com o sistema e-Termos. *Libertas: Revista de Ciências Sociais Aplicadas*, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 174-189, jan./jul. 2019.

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, G. S.; ALVES, L. H. **A pesquisa bibliográfica: princípios e fundamentos**. *Cadernos da Fucamp*, v. 20, n. 43, p. 64-83, 2021.

SOUSA, B. P.; TOLENTINO, V. S. Aspectos machistas na organização do conhecimento: a representação da mulher em instrumentos documentários. *Informação & Informação*, v. 22, n. 2, 2017.

SOUSA, J. L. **Avaliação do padrão Simple Knowledge Organization System (SKOS) para a representação de vocabulários controlados**.

2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2019.

TEIXEIRA, R. S.; SOUSA, B. P.; ESPINOSA, I. V.; ARAÚJO, K. M. A homossexualidade feminina nos descritores em ciências da saúde. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 2022, Porto Alegre. **Anais [...]**. Porto Alegre: ENANCIB, 2022.

VANIN, L. F.; SALES, R. Organização das memórias e patrimônios culturais LGBTQIAPN+ sob a perspectiva da desclassificação. ***Em Questão***, Porto Alegre, v. 30, 2024.